



**Pró-Reitoria Acadêmica
Escola de Pós-Graduação
Lato Sensu em Língua Inglesa
Trabalho de Conclusão de Curso**

**O FATOR IDADE E A APRENDIZAGEM DO ILE: UMA ANÁLISE
DO ADULTO APRENDIZ**

**Autora: Jaciara Maria de Assis
Orientador: Prof. MSc. Wallace Soares Barboza**

**Brasília - DF
2017**

JACIARA MARIA DE ASSIS

**O FATOR IDADE E A APRENDIZAGEM DO ILE: UMA ANÁLISE DO
ADULTO APRENDIZ**

Monografia apresentada ao programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Inglesa da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. MSc. Wallace Soares Barboza

**Brasília
2017**



Monografia de autoria de Jaciara Maria de Assis, intitulada “O fator idade e a aprendizagem do ILE: uma análise acerca do adulto aprendiz” apresentada como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Língua Inglesa da Universidade Católica de Brasília, em 23 de Junho de 2017, defendida e aprovada pela banca abaixo assinada:

Prof.^a Dra. Carolina Coelho Aragon
Especialização em Língua Inglesa – UCB

Prof.^a Msc. Michelle de Abreu Aio
Especialização em Língua Inglesa – UCB

Prof.^a MSc. Wallace Soares Barboza
Orientador
Especialização em Língua Inglesa – UCB

Dedico esse trabalho, primeiramente a Deus, por nunca ter me deixado desistir dos meus sonhos e projetos, e minha mãe, por me ajudar a torná-los reais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre me deu forças para não desistir e pela graça alcançada, depois de tanto esforço, finalizar mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço a minha mãe pelo apoio, carinho e tantas palavras de ânimo quando mais precisei.

Agradeço a minha família pelas palavras de ânimo e paciência em meio a tantas preocupações.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, que me apoiaram e muitas vezes não me deixaram desistir.

Agradeço ao meu orientador Wallace Barboza por todos os conselhos e apoio, principalmente por ter acreditado que esse trabalho seria possível e ter me ajudado a criar caminhos tão significativos para que esse estudo se concretizasse.

"A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê".

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Referência: ASSIS, Jaciara M. de. **O fator idade e a aprendizagem do ILE: uma análise do adulto aprendiz**. 2017. 71 folhas. Especialização em Língua Inglesa – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

A aprendizagem da língua inglesa ocorre de forma distinta na infância, adolescência e na fase adulta. Levando isso em consideração, decidiu-se através dessa pesquisa aprofundar os estudos na fase adulta. O objetivo dessa pesquisa é verificar se o fator idade interfere ou não na aprendizagem do inglês como língua estrangeira e se os alunos adultos ficam em desvantagens nesse processo se comparados as outras idades. A presente pesquisa investiga esses fatores, e para atingir seus objetivos, utilizou-se um questionário fechado, do tipo *likert scale*, mais conhecido como *Beliefs about Language Learning Inventory* (BALLI) e uma pergunta dissertativa ao final desse questionário. Após a análise dos dados obtidos na pesquisa foi possível inferir que a idade pode até interferir no processo de aprendizagem dos alunos, mas não pode ser encarada como um fator limitante no aprendizado de uma língua estrangeira para os adultos.

Palavras chaves: aprendizagem, inglês, língua estrangeira, adultos.

ABSTRACT

Learning the English language occurs in a different way in the childhood, adolescence and for adults. Taking it into consideration, a research about these issues was released in order to explain in details the studies in the adult stage. The aim of this research is to verify if the age interferes or not in the English learning as a foreign language and also if adults learners present some disadvantages in this process when compared to the other ages. The present research investigates those issues, and to reach its aims, a closed questionnaire, based on the *likert* scale, best know as *Beliefs about Language Inventory* (BALLI), and a question to be answered at the end of the questionnaire were used. After the analyze of the data achieved with the research, it was possible to reach a conclusion that the age may interferes in the learning process for students, but it might not be faced as a limiting factor for the adults foreign language learning

Key-words: learning, English, foreign language, adults.

LISTAS DE SIGLAS

DF – Distrito Federal

ILE – Inglês como Língua Estrangeira

LE – Língua Estrangeira

LI – Língua Inglesa

LM – Língua Materna

L1 – Primeira Língua

MP – Média Ponderada

RM – Ranking Médio

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	11
1.2. OBJETIVOS.....	13
1.3. PERGUNTAS DA PESQUISA.....	14
1.4. HIPÓTESE.....	14
1.5. JUSTIFICATIVA.....	14
1.6. ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1. APRENDIZAGEM E AQUISIÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....	16
2.2. PROFESSORES E ALUNOS: SUJEITOS DA APRENDIZAGEM.....	19
2.3. EXISTE UMA IDADE CRÍTICA NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA?.....	26
2.4. PROBLEMAS QUE SE COLOCAM EM FUNÇÃO DA IDADE ADULTA.....	27
2.5. HIPÓTESES DAS DESVANTAGENS DOS ADULTOS NA APRENDIZAGEM DA LI COMO LE.....	28
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	36
3.1. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	36
3.2. CONTEXTO DA PESQUISA.....	37
3.3. PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	37
3.4. INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS.....	38
4. RESULTADOS.....	39
5- DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	46
5.1. ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO.....	47
6. CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FECHADO RETIRADO DO SITE DO SURVIO...59	
APÊNDICE B – PERGUNTA DISSERTATIVA.....	62
ANEXO A – RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO GERADO PELO SITE SURVIO...63	
ANEXO B – RESPOSTAS DA PERGUNTA DISSERTATIVA GERADA PELO SITE SURVIO.....	70

1. INTRODUÇÃO

No final de século XX a língua inglesa (doravante LI) começou a se espalhar de forma considerável, sendo também usada vastamente entre pessoas que não tinham a mesma língua materna (doravante LM), mas tinham interesses semelhantes (HARMER, 2007). Da mesma forma, hoje em dia, é com a LI que países com idioma oficial diferentes encontram a oportunidade de se comunicarem. Atualmente, a aprendizagem da LI não é apenas uma opção propiciada através dos currículos escolares ou de escolas de idiomas, mas é vista como uma necessidade decorrente de questões de ordem social, econômica e política resultante de um mundo globalizado.

Sejam quais forem os motivos que levem uma criança, adolescente ou adulto a aprender a LI como segunda língua (doravante L2), o que importa aqui é como esse aprendizado está acontecendo e se o fator idade interfere ou não nesse processo. Vários estudos e pesquisas apontam para a preocupação em relação a qual seria a melhor idade para iniciar o aprendizado de uma língua estrangeira (doravante LE). Especialistas nesse assunto divergem em suas conclusões ao apontarem qual seria essa idade ideal e até que ponto a idade é um fator determinante nesse processo. Passel (1983, p.27) enfatiza que: “O adulto sabe por que estuda esta ou aquela língua”. Sendo assim, entendemos que a necessidade e a motivação são distintos de acordo com a fase da vida do estudante.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

O interesse em aprender uma L2 aconteceu no fim dos anos 60 e início dos anos 70 (GOMES, 1997 apud LOPES e CELANI, 1997). Nessa época, os interesses e razões em aprender uma L2 tornaram-se mais evidente e relevantes. Uma dessas razões foi o “deslocamento do eixo econômico para os Estados Unidos, a crise do petróleo e a nova tecnologia emergente fizeram do inglês uma língua de comércio e

também veículo de informação de recente tecnologia.” (GOMES,1997 apud LOPES e CELANI 1997, p. 134).

Essa necessidade está ligada a prioridade de adultos interessados no aprendizado de uma língua. Por outro lado, observamos que quando a criança ou adolescente são levados a aprender uma LE os interesses são outros. Nesse caso, na maioria das vezes, a preocupação é dos pais ou até mesmo por motivos de mudança de residência para um país onde a LI é a primeira ou segunda língua oficial do local (SHIN, 2014)

Já no início dos anos 70 aparecem os primeiros sinais da abordagem nocional/funcional. Daí surgiu um dos movimentos mais interessantes no ensino de língua estrangeira, iniciado pelo Conselho da Europa em 1971 e tendo em vista o aluno europeu adulto, principalmente o imigrante. Pode-se dizer que a abordagem instrumental de ensino de línguas para fins específicos teve origem no trabalho desse grupo. Nessa época, também, começasse a ouvir falar de uma abordagem chamada comunicativa, vagamente definida, mais claramente privilegiando o ensino da língua como meio de comunicação. (CELANI, 2008 apud LEFFA, 2008 p.33)

O ensino e a aprendizagem da LI é um assunto bastante disseminado desde esse período. Pessoas interessadas em aprender uma LE estão em todo lugar e a estudam por motivos diversos, como já foi apontado, e entre essas possíveis razões, podemos apontar também a razão de estarmos inseridos em um mundo cada vez mais globalizado.

O inglês está em todo lugar. No nome de lojas e de produtos, nas músicas que tocam nas rádios, nos programas que assistimos na televisão e, claro, na internet... E isso não acontece só no Brasil. O mundo atual, ou pelo menos, o mundo ocidental, está conectado por meio da língua inglesa e saber se comunicar nesse idioma pode ser decisivo para a vida profissional - e até pessoal - de seu filho no futuro. (CARMIELETTO, MEYER, 2013, apud SILVA, 2005, p.11).

Como consequência desse mundo globalizado, pessoas estão mais interessadas em aprender uma LE por motivos diversos. Com o intuito de observar quem são essas pessoas interessadas em adquirir um segundo idioma ou entender

as possíveis razões que as levam a procurar aprender uma língua é que muitos estudos e pesquisas nessa área tem se disseminado.

Observa-se também um grande questionamento em relação qual seria a idade ideal para se aprender uma LE, e, se essa idade ideal realmente existe. Questionamentos sobre as crianças, adolescentes e adultos quando inseridos no processo de ensino-aprendizagem, assim como as hipóteses das desvantagens dos adultos envolvidos nesse processo nortearam esse estudo. Hipóteses como: pronúncia, LM, tempo, motivação e afetividade e indagações sobre esses possíveis limitadores da aprendizagem dos adultos corroboram também para as indagações propostas nesta pesquisa.

Sendo assim, surgiu o interesse em pesquisar a respeito do fator idade e sua possível interferência na aprendizagem, especialmente em adultos, do mesmo modo que houve também o interesse em verificar se o pensamento de professores de LI e estudantes de Letras de uma instituição de ensino privada do Distrito Federal (doravante DF) eram semelhantes ou distinto a essa problemática. É importante destacar o pensamento de Passel (1983, p. 116) que nos adverte que: “No estudo de uma língua estrangeira, é o homem que deve estar no centro das preocupações: o processo de aprendizagem é um processo humano.”

1.2. OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral verificar se o fator idade interfere (ou não) na aprendizagem do inglês como língua estrangeira na fase adulta assim como as possíveis desvantagens que os adultos enfrentam ao optarem estudar uma língua estrangeira nessa fase da vida. Mais especificamente, essa pesquisa também objetiva verificar se, na opinião de professores de LI e estudantes do curso de Letras de uma instituição de ensino superior privada de Ensino do DF, acreditam ou não se o fator idade interfere na aprendizagem de uma LE.

1.3. PERGUNTAS DA PESQUISA

Partindo dos objetivos propostos, com a intenção de compreender se o fator idade interfere ou não na aprendizagem da L2 como LE, as seguintes questões nortearam a pesquisa:

1. O fator idade interfere ou não na aprendizagem do Inglês como LE?
2. Alunos adultos ficam em desvantagem no processo de aprendizagem se comparados às outras idades?

Essas perguntas que nortearam a pesquisa e serão retomadas e tratadas na discussão e análise dos dados obtidos na pesquisa e respondidas nas considerações finais.

1.4. HIPÓTESE

Com o intuito de buscar possíveis respostas, ainda que provisórias às perguntas da pesquisa, apresento a seguinte hipótese:

- Seria o aluno adulto, em algum momento, prejudicado pela escolha tardia em aprender uma LE?

1.5. JUSTIFICATIVA

Enquanto professora de Língua Inglesa de cursos de idiomas, sempre me questioneei a respeito do ensino e aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos. Sempre gostei de ensinar crianças, pois parafraseando Passel (1983, p. 29), a mente da criança parecia ser como uma “tábua rasa”, ou seja, ela não chega na sala de aula cheia de opiniões formadas e tudo que o professor apresenta, de certa forma, pode ser encarado como algo interessante ou divertido. Por outro lado, sempre me interroguei a respeito da aprendizagem dos adultos. Percebi, durante esses anos de experiência, que os adultos apresentavam alguns défices de aprendizagem, principalmente relacionada a pronúncia. Percebi também que adultos

apresentam certas dificuldades que muitas vezes crianças e adultos não apresentam.

Motivada, então, pelas minhas observações e indagações durante minhas aulas, e também por observar que os mesmos questionamentos também eram compartilhados por meus colegas de profissão, me empenhei em pesquisar e encontrar possíveis respostas para tais indagações. Sendo assim, pretendo com essa pesquisa encontrar possíveis respostas para a questão da aprendizagem de uma LE para adultos, como eles se diferem dos demais aprendizes e quais são as possíveis hipóteses limitadoras relacionadas a essa aprendizagem.

Essa reflexão é bem presente entre profissionais da área no intuito de minimizar os problemas e maximizar o aprimoramento da proficiência desejada pelos falantes adultos. Harmer (2007) explica que os adultos, diferentemente das crianças e adolescentes, possuem um claro entendimento do porquê estarem aprendendo uma língua. Sendo assim, encontramos, mesmo que precipitada, uma vantagem plausível em relação a outras idades.

1.6. ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho foi organizado em 6 capítulos: introdução, fundamentação teórica, materiais e métodos, resultados, discussão e análise de dados e conclusão.

O capítulo da introdução contextualiza a discussão sobre os estudos da LI, dos objetivos, das perguntas, a hipótese levantada e a justificativa deste estudo.

O segundo capítulo apresenta a revisão da literatura abordando os alunos nas três fases distintas, ou seja, na infância, na adolescência e na fase adulta. É abordado também as possíveis hipóteses das desvantagens dos adultos na aprendizagem da LI como LE e se o fator idade interfere ou não aprendizagem do inglês como LE.

O terceiro capítulo aborda a metodologia utilizada nesta pesquisa: os materiais, os métodos e as técnicas que foram empregadas tanto na coleta quanto na análise dos dados obtidos.

O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos com a pesquisa.

O quinto capítulo trata da análise dos dados obtidos confrontando-os com a pesquisa bibliográfica apresentada no segundo capítulo.

O sexto capítulo consiste em retomar as perguntas propostas nesta pesquisa, respondê-las e apresentar as possíveis conclusões comparando-as com as hipóteses levantadas no início deste estudo assim como levantar futuras discussões para novas pesquisas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos as fundamentações teóricas que nortearam essa pesquisa. Para isso, citamos trabalhos e autores importantes que discorreram a respeito do fator idade. Primeiramente entendemos a diferença entre a aprendizagem e a aquisição de uma língua. Em seguida, fazemos a distinção entre professor e aluno nesse processo de aprendizagem para, logo em seguida, apresentar as três fases: crianças, adolescentes e adultos inseridos igualmente nesse processo. Por último, levantamos as possíveis hipóteses das desvantagens dos adultos em aprender a LI como LE.

2.1. APRENDIZAGEM E AQUISIÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Podemos dizer que há uma grande dificuldade em distinguir a aquisição e aprendizagem da L2. Autores como Yule (1996) diferem esses dois processos. O autor conceitua o termo aquisição quando o uso da linguagem refere-se a um desenvolvimento gradual das habilidades em uma língua usada naturalmente em um ambiente de aprendizado, enquanto o processo de aprendizagem é aplicado ao processo consciente de assimilação de conhecimentos que vão se acumulando,

como por exemplo, a assimilação de vocabulários e regras gramaticais. Harmer (2007), semelhantemente difere a aprendizagem da aquisição sendo a primeira a linguagem estudada onde o aluno constrói o seu conhecimento adquirido através de um profissional que o guia nesse processo, a segunda sendo aquilo que se assemelha a aquisição da primeira língua.

Krashen (1984 apud HARMER 2007) precursor da teoria da aquisição de uma L2, aponta que o seu sucesso está ligada à quantidade da língua alvo que é exposta ao estudante. Dessa forma, o aluno precisaria ser exposto a essa linguagem de maneira relaxada e prazerosa, porém se levarmos isso em consideração poderíamos afirmar que o sucesso da L2 estaria intrinsecamente ligada a qualidade e a quantidade de linguagem que o aluno estaria sendo exposto, sendo que é sabido que o ensino e aprendizagem de uma língua envolve muitos outros fatores. Spada (2004, p. 2) acrescenta e esclarece que:

Com base em pesquisas em aquisição de segunda língua (L2), Krashen propôs que, pôr a aprendizagem em L2 ser similar à aprendizagem em L1, deveriam ser feitos esforços para criar ambientes em salas de aula de L2 que se aproximassem das condições da aquisição de L1. Ele supôs que, se aprendizes de L2 fossem expostos a um "input compreensível" e se recebessem oportunidades de se concentrarem mais em significados e mensagens do que em formas gramaticais e acuidade, eles seriam capazes de adquirir sua segunda língua de forma parecida com que os aprendizes de L1 aprendem sua língua materna.

Em meados de 1980, Krashen (1984 apud Harmer 2007) apresentou a teoria que ele chamou de *Input Hypothesis*. Nessa teoria, ele declarou que a linguagem que adquirimos inconscientemente é aquela que usamos facilmente em conversas espontâneas porque ela é instantaneamente disponível quando precisamos. Por outro lado, quando aprendemos uma língua significa que essa língua foi ensinada através de regras gramaticais e vocabulários, e diferentemente ela não fica disponível para ser usada espontaneamente (HARMER, 2007). Krashen (apud HARMER, 2007), sendo assim, desenvolveu a teoria que ele chamou de *comprehensible input i + 1* que significa a informação que o aluno tem somada a um

próximo nível, onde o aluno precisaria ser exposto a língua em um ambiente descontraído.

Krashen (1985) afirma que um falante adquire a língua de um único jeito – pela exposição ao que ele denominou de “input compreensível”. Se o input contém formas e estruturas levemente acima do nível atual de conhecimento do falante (ao que Krashen chamou ‘i + 1’), então, tanto a compreensão quanto a aquisição ocorrerão. (RESQUE, 2010 p. 51)

Outro fator importante na teoria de Krashen é o que ele denominou como *The affective filter*. Esse termo é geralmente usado para descrever um tipo de barreira na aquisição da L2 que resulta de sentimentos ou experiências negativas, ou seja, se estivermos estressados, desconfortáveis, inseguro ou desmotivados não aprenderemos nada (YULE, 1996). De acordo com Yule (1996), as crianças parecem ser menos constrangidas pelo filtro afetivo, enquanto adultos terão um pouco mais de dificuldade em superar suas inibições.

A hipótese do input e o conceito do filtro afetivo definem o professor de línguas estrangeiras em uma nova maneira. O professor afetivo é alguém que pode proporcionar o input e ajudar a fazê-lo compreensível em uma situação de baixa ansiedade.¹²(KRASHEN, 1982, p. 32)

Harmer (2007) explica que a teoria de Krashen é benéfica se o input que o aluno está sendo exposto é positivo, pois, se for negativo, o filtro afetivo aumenta e bloqueia o input de ser absorvido e processado. Se, por outro lado, o filtro afetivo é baixo, deixando o aluno relaxado, o input que aluno está sendo exposto contribuirá para a efetiva aquisição da nova língua.

Estudos recentes mostram que existe uma “Hipótese do Período Crítico” na aquisição da L2 (SHIN, 2014), ou seja, existe um período em que os falantes aprendem a L2 com uma maior facilidade. É o que Shin (2014) relata acontecer durante o Ensino Fundamental, visto que nesse estágio as crianças estão com uma mente mais flexível para o aprendizado ocasionando uma maior proficiência em uma

¹Todas as traduções de trechos de obras em língua estrangeira presentes nesta monografia são de nossa responsabilidade

²*The input hypothesis and the concept of the Affective filter define the language teacher in a new way. The affective language teacher is someone who can provide input and help make it comprehensible in a low anxiety situation.*

LE, ou seja, aquela língua que será aprendida na escola ou em um curso de idiomas. Semelhantemente, Yule (1996) relata que passada a puberdade, ou seja, passado o Ensino Fundamental, a aquisição de uma L2 torna-se mais difícil. No entanto, estudos ainda mais recentes apontam que essa teoria apresenta algumas falhas já que ela não prova que adultos ou adolescentes não possam alcançar um grau de proficiência semelhante à de uma criança (SHIN, 2014).

Pizzolato (1995) prefere o termo período sensível, uma vez que acredita denotar um intervalo de tempo ótimo, na qual algumas circunstâncias são mais favoráveis ao desenvolvimento de um determinado tipo de comportamento, e cuja eficiência se reduz com o passar dos anos. Segundo esse ponto de vista, o período crítico é um termo considerado muito determinista, e ao contrário do que parece, é um período que denota não uma redução de competências que acontece com o tempo, mas uma oportunidade de aprender a LE e ainda adquirir fluência mesmo na idade adulta. (PIZZOLATO, 1995 apud OLIVEIRA, 2008 p. 148-149).

2.2. PROFESSORES E ALUNOS: SUJEITOS DA APRENDIZAGEM

Professores e alunos desempenham diferentes funções dentro de uma sala de aula e compreender esse processo faz parte da reflexão e compreensão do ensino-aprendizagem de uma LE. Cada aluno é um indivíduo com uma identidade diferente, e mesmo estando dentro de uma sala de aula com outros alunos, necessitará, em momentos específicos, de atenção individual para o auxiliar no processo de aprendizagem (HARMER, 2007).

Ellis (2014) ressalta que todos os professores internalizam sua própria teoria de como o processo de aprendizagem ocorre, pois eles possuem uma noção intuitiva do que melhor funcionará na realização de atividades na promoção da aprendizagem.

O professor de línguas estrangeiras é um profissional em formação contínua; precisa estar sempre se atualizando, não só para acompanhar um mundo em constante mudança, mas também para ser capaz de provocar mudanças. (LEFFA, 2008, p.11)

Ensinar é um processo complexo que pode ser conceituado de diferentes formas (RICHARDS e RODGERS, 1996). Richards e Rodgers (1996) destacam que

tradicionalmente o ensino de línguas era centrado na figura do professor, ou seja, o professor era aquele que decidia o que fazer e como, o que era executado, refletiria no comportamento de seus alunos. É importante salientar que as relações entre professores e alunos poderão refletir em um processo de ensino-aprendizagem consciente e reflexivo.

Oliveira (2008, p. 155) conclui então como esse processo de aprendizagem pode ocorrer da seguinte forma:

A maneira como aluno percebe a sua própria aprendizagem, seus comentários, tudo se volta ao foco de seus reais interesses, tudo isso é gerido no ambiente de sala de aula. A afetividade é, então, aspecto psicossociológico que precisa ser considerado, pois nela o aluno revela seus sentimentos, e se manifesta. Nesse momento, ocorre a oportunidade ímpar, para que o potencial comunicativo do aluno seja explorado.

O professor de LE precisa levar em consideração o seu aluno e também a sua formação para que juntos contribuam para um adequado aprendizado Spada (2004, p. 3) ao ser questionada a esse respeito declara:

Eu acredito que uma formação em Linguística é muito importante para os professores de língua estrangeira se essa formação for suficientemente abrangente, abordando aspectos formais, funcionais, pragmáticos e sociolinguísticos da linguagem. O professor com formação em Linguística deveria não apenas compreender o funcionamento da linguagem, mas também entender como o aluno faz esforços para aprender. Assim, o professor pode ter a sensibilidade para compreender os erros e outras características do desenvolvimento do aprendiz de língua estrangeira. Então, eu acredito que é importante para o treinamento linguístico incluir algo sobre como as línguas são aprendidas. Obviamente, os professores de língua estrangeira deveriam não apenas possuir conhecimento e domínio avançados da língua, mas também a habilidade de fazer esse conhecimento acessível e compreensível para o aluno.

2.2.1 Crianças e a aprendizagem da LI

Primeiramente, Bee (1997) dividiu a fase das crianças por períodos distintos. Ela colocou a primeira infância a idade compreendida entre o nascimento das crianças até os 3 anos de idade, a segunda infância sendo a idade compreendida dos 3 aos 6 anos de idade, e a terceira infância dos 6 aos 11 anos de idade. Essas serão as idades de referência quando abordarmos as crianças.

Existe uma grande preocupação de professores, pais, pesquisadores, entre outros, em determinar qual seria a melhor idade para a aprendizagem de uma língua estrangeira (SHIN, 2014). Existe uma equivocada ideia de que quanto mais cedo iniciarmos o estudo de uma língua, maior sucesso será alcançado. Alguns estudos apontam que a ideia de que as crianças conseguem aprender um idioma mais facilmente e com menos esforço que um adulto seria uma conclusão um tanto precipitada (SHIN, 2014, BROWN, 2001). Shin (2014) acrescenta que começar a estudar uma língua cedo ocasionaria apenas em uma maior exposição dela na vida de um indivíduo, o que refletirá apenas em um maior acúmulo de conhecimento.

Cameron (2001) apresenta as teorias de Piaget e Vygotsky relacionadas a aprendizagem da L1. Ela relata que a preocupação de Piaget era de como as crianças funcionam no mundo que as cercam e como essa interação influencia seu desenvolvimento mental. O pensamento da criança é visto como se derivasse da ação, a ação, por sua vez, é internalizada ou levada mentalmente na imaginação, e dessa forma que o pensamento se desenvolve. A psicologia de Piaget estava ligada a assimilação e a acomodação. A assimilação ocorre quando a ação acontece sem nenhuma mudança para a criança enquanto a acomodação é o ajustamento do meio ambiente para favorecer a interação com a criança. Cameron (2001) explica que para Piaget, a assimilação e a acomodação são inicialmente processos adaptáveis de comportamento e que, mais tarde, se tornam processos de pensamentos. Por fim, a acomodação está ligada ao aprendizado da segunda língua usada para se referir a reestruturação, ou seja, a reorganização das representações mentais da língua (MACLAUGHLIN, 1992 apud CAMERON, 2001).

Cameron (2001) afirma que Piaget dá menos importância ao papel da língua no desenvolvimento cognitivo que Vygotsky. Esse vê a criança como um ser social, porém não negligencia o processo cognitivo individual. Enquanto para Piaget a criança é um aluno em um mundo cheio de objetos, para Vygotsky ela é um aluno em um mundo cheio de outras pessoas que desempenham um importante papel em

sua aprendizagem visto que elas poderão acrescentar ideias ou acrescentar meios que o ajudarão nesse processo.

Harmer (2007) acrescenta que Piaget sugeriu que a criança começa a se desenvolver no estágio sensório-motor, depois passa pelo estágio intuitivo, depois pelo estágio concreto operacional antes de finalmente alcançar o estágio operacional formal onde as captações se tornam cada vez mais possíveis. Vygotsky apresenta a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD) onde a criança, sendo um ser social, estão prontas a aprender coisas novas.

Cameron (2001) afirma que achamos que a criança acumulará um maior conhecimento de uma língua estrangeira que um adolescente ou adulto é uma generalização que poderá esconder o princípio que cada criança é um indivíduo e necessita de habilidades diferentes na hora de serem ensinadas, assim como adolescentes e adultos.

Está comprovado neurologicamente que uma criança aprende uma língua diferentemente de um adolescente ou adulto. Aos dois anos, inicia-se o processo de lateralização do cérebro humano. A partir dos dois anos, aproximadamente, as habilidades infantis vão sendo “mapeadas” e setorizadas. Aos cinco anos, grande parte da lateralização já ocorreu, mas a divisão do trabalho entre os hemisférios cerebrais estará completa só aos 12 ou 13 anos, quando o indivíduo entra na puberdade. (SOBROZA, 2008, p. 5).

Na visão de Harmer (2007), as crianças, entre 9 ou 10 anos de idade, aprendem de uma forma diferente se comparadas a outras crianças um pouco mais velhas. Ele relata que as crianças possuem uma maior facilidade de entender o significado de palavras isoladas, e são propensas a aprender com tudo que está a sua volta e não se prendem ao que está apenas sendo focada na hora do ensino. As crianças dispõem de entusiasmo e curiosidade na aprendizagem, mas possuem uma menor capacidade de atenção a menos que a atividade desenvolvida esteja extremamente atrativa.

É importante destacar que a idade pode até ser um diferencial para um aprendiz de uma língua estrangeira, mas não pode ser encarado como um fator

determinante no processo de ensino e aprendizagem seja qual for a idade do aprendiz.

A idade do indivíduo é um dos fatores que determinam o modo pelo qual se aprende uma língua. Mas as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender, e as diferenças individuais são também fatores determinantes para o sucesso na aprendizagem. (FIGUEIREDO, 1997 p.26).

Cameron (2001) acrescenta que as crianças são mais entusiasmadas e animadas durante o processo de aprendizagem, elas gostam de receber elogios dos seus professores e essa desinibição possibilita que elas adquiram uma maior fluência na língua estudada. Porém, elas também perdem o interesse na atividade facilmente se esta parecer muito difícil de ser executada.

Lightbown e Spada (2003 apud MOTTER, 2007, p.81) relatam que: “a habilidade da criança em aprender mais de uma língua em seus primeiros anos traz progresso no desenvolvimento em ambas as línguas, na materna e na Estrangeira.” Ou seja, eles apontam que a criança possui uma vantagem na aprendizagem de uma língua do que em outras fases da vida do indivíduo. Fronkin e Rodman (1998) mencionam que quando as crianças são expostas a mais de uma língua antes da puberdade chegam a aprendê-las igualmente bem.

2.2.2. Adolescentes e a aprendizagem da LI

De acordo com Bee (1997), os adolescentes são aqueles que apresentam idade dos 12 aos 20 anos. Igualmente Brown (2001) caracteriza os adolescentes sendo aqueles que estão por volta de seus 12 anos de idade, ou seja, aqueles que estão entre a infância e a fase adulta. Essa idade pode ser considerada a fase de transição, confusão, crescimento e também quando acontecem mudanças no corpo e na mente (BROWN, 2001).

Adolescentes são geralmente vistos como alunos problemas, mas a maioria deles conseguem entender a necessidade de se aprender uma língua estrangeira assim como podem se apresentar responsáveis o suficiente para realizar as tarefas

propostas (HARMER, 2007). Os adolescentes são capazes de deduzir situações hipotéticas e usar a dedução e a indução de uma forma lógica (SHIN, 2014).

Brown (2001, p. 92) aponta algumas características que valem a pena serem apontadas em relação aos adolescentes:

- 1- (...) Problemas complexos podem ser resolvidos através de um pensamento lógico, ou seja, a metalinguagem poderá, teoricamente, representar algum impacto aqui. Sendo que a capacidade de concentração do aprendiz para a realização das tarefas precisam ser levada em consideração (...)
- 2- A capacidade de concentração pode ser entendida como resultado de uma maturidade intelectual. Porém, devemos sempre levar em consideração a vida do adolescente, pois, dependendo do que ele possa estar enfrentando em sua vida pessoal, essa concentração pode aumentar ou diminuir.
- 3- Variedades sensoriais nas atividades ainda é importante (...)
- 4- Fatores em relação ao ego, autoimagem e autoestima estão no topo da lista de prioridades para os adolescentes, pois eles são muito sensíveis em relação a como o outro o enxerga (...)
- 5- Os adolescentes estão na época de quererem ser comparados com adultos em sua capacidade de discernir entre a natureza do contexto no aqui e o agora da comunicação imediata (...)³.

Adolescentes possuem sua maneira peculiar de aprender e precisamos entender isso na hora de ensiná-los, ou seja, precisamos distribuir tarefas que eles sejam capazes de executar, tomando cuidado para não os humilharmos, sendo que eles são capazes de desenvolver tarefas que crianças não apreciariam (HARMER, 2007).

2.2.3. Adultos e a aprendizagem da LI

Segundo Bee (1997) definir a idade adulta é algo bastante arbitrário, pois essa é a idade na qual ocorrem alterações importantes na vida humana. Ela classificou essa fase de jovem adulto, aqueles que estão com idade entre os 20 aos

31- (...) *Complex problems can be solved with logical thinking. This means that linguistic metalanguage can now, theoretically, have some impact. But the success of any intellectual endeavor will be a factor of the attention a learner places on the task.*

2- *Attention span are lengthening as a result of intellectual maturation, but once again, with many diversions present in teenager's life, those potential attention spans can easily be shortened.*

3- *Varieties of sensory input are still important (...).*

4- *Factors surrounding ego, self-image, and self-esteem are their pinnacle.*

5- *Secondary school students are of course become increasingly adultlike in their ability to make those occasional diversions from the "here and now" nature of immediate communicative contexts (...).*

40 anos de idade, os de meia idade, aqueles entre os 40 aos 65 anos e o último grupo como terceira idade, ou seja, aqueles que estão acima de 65 anos de idade.

Ensinar uma LE para adultos pode, de alguma forma, se assemelhar ao ensino de adolescentes e de crianças, porém, esse grupo de aprendizes necessitam de uma atenção especial (BROWN, 2001). Adultos possuem um claro entendimento a respeito das razões que o fizeram aprender uma língua estrangeira.

O que frequentemente leva um adulto a procurar um curso de língua estrangeira é que a aquisição de uma nova língua ou o aperfeiçoamento de uma já mais ou menos conhecida lhe será útil no campo profissional, talvez porque espera uma promoção, talvez porque conte com um rendimento imediato na posição que ocupa. Assim é que, desde o começo, ele traz consigo uma motivação direta, de que são quase sempre carentes os alunos comuns e mais jovens. O adulto sabe porque estuda esta ou aquela língua e sabe tão bem o que pretende, que chegará até mesmo a exigir, embora inconscientemente, que o professor atenda a suas necessidades particulares. (PASSEL, 1983, p.27).

Entendemos aqui então que o adulto se difere das outras idades por possuir um objetivo claro em mente desse processo, ou, em outras palavras, como disse Harmer (2007), por possuírem uma expectativa em relação ao seu processo de aprendizagem. Eyring (2014) semelhantemente aponta que a aprendizagem de um adulto pode estar ligada ao seu trabalho ou uma oportunidade acadêmica. Knowles (1980 apud EYRING, 2014 p. 572) acrescenta que: “aprendizes adultos aprendem melhor quando eles estão aprendendo algo que tem uma clara importância para eles e para seus objetivos futuros⁴”.

A questão da fase adulta merece destaque porque é encarada como uma fase de maturidade, em que as preocupações e alvos a serem atingidos são vistos ou encarados com mais solidez e a aprendizagem é um fator que possui objetivos (OLIVEIRA, 2008, p.151).

4 adults learners learn best when they are learning something that has clear importance for them and their future goals.

2.3. EXISTE UMA IDADE CRÍTICA NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA?

Motter (2007) aponta que há sim uma idade crítica apontada como limite para o aprendizado de uma língua estrangeira, ou seja, onde a aprendizagem começa a ficar mais difícil e essa idade pode situa-se em torno dos 12 anos de idade. Como citado anteriormente, essa idade é também conhecida como o início da puberdade. Porém, essa limitação pode variar de pessoa a pessoa, pois há uma série de fatores que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Em suma, Motter (2007, p. 2) afirma que: “quanto mais tarde a pessoa é exposta a um segundo idioma, mais difícil se torna a aprendizagem correta da pronúncia e o ritmo da fala pode perder completamente a cadência adequada”. A autora afirma que esses seriam as maiores dificuldades na aprendizagem da língua estrangeira no decorrer da idade do aluno.

Estudos da Neurolinguística em relação a essa idade crítica na aprendizagem da língua indicam que quanto mais jovem a pessoa for, mais facilidade ela terá em captar os novos sons da língua em estudo (MOTTER, 2007). O Neurolinguista Eric H. Lenneberg (1969), linguista e neurocientista, cujas ideias em relação a aquisição da linguagem foram disseminadas juntamente com as teorias de Chomsky, relata que, para o adulto, aprender uma segunda língua é um exercício acadêmico e existe uma vasta variedade de graus de proficiência e isso vai se tornando cada vez mais dificultoso com o passar dos anos, ou seja, fica cada vez mais difícil para o adulto superar os problemas e interferências no sotaque que são influenciadas pela LM. Fromkin e Rodman (1993) semelhantemente relatam que quanto mais jovem você é, mais fácil será aprender uma língua.

2.4. PROBLEMAS QUE SE COLOCAM EM FUNÇÃO DA IDADE ADULTA

Se nos questionarmos acerca da idade ideal para se aprender uma LE, poderemos facilmente responder que a infância é esse melhor momento. Spada (2004) explica que somos tendenciosos a dizer que quanto mais nova a criança, melhor para se aprender a língua. Porém, questões relacionadas a essa

problemática dependerão “de diversos fatores, sendo os dois mais importantes: 1) os objetivos e as expectativas do programa instrucional e 2) o contexto em que o ensino acontece” (SPADA, 2004, p. 5). Na visão dela, esses objetivos podem ser entendidos da seguinte forma:

Se o objetivo de aprender/ensinar uma língua estrangeira é obter o mais alto nível de habilidade na segunda língua, ou seja, o nível em que um falante de segunda língua se torne igual ao falante nativo, há sustentação para o argumento de "quanto mais cedo, melhor". Esse apoio, encontrado na literatura sobre a hipótese do período crítico, é baseado no princípio de que fatores biológicos e maturacionais limitam a capacidade de aprendizagem de línguas depois de uma determinada idade. No entanto, alcançar a fluência de uma língua estrangeira em um nível de falante nativo não é o objetivo de todos os alunos em todos os contextos. Na verdade, a maioria dos aprendizes de língua estrangeira está principalmente interessada em obter uma habilidade básica de comunicação na língua estrangeira, porque a sua língua materna continuará sendo a sua língua principal. Nesses casos, pode ser mais eficiente começar o aprendizado da língua estrangeira mais tarde. Pesquisas têm mostrado que, quando recebem apenas algumas horas de instrução por semana, alunos que começam mais tarde (por exemplo, por volta dos 10-12 anos, ao invés de 6-8 anos) geralmente se igualam com aqueles que começaram mais cedo. Sendo assim, uma ou duas horas por semana não irá produzir falantes de segunda língua muito avançados, não importa o quão cedo tenham começado.

Dessa forma, podemos dizer que o ensino e a aprendizagem da LI são distintos de acordo com a idade de quem está inserido nesse processo. Passel (1983, p. 27) afirma que “O ensino de línguas estrangeiras para adultos difere em mais de um aspecto daquele que se dá às crianças e aos jovens das escolas primárias e secundárias”. Segundo ele, uma diferença importante está ligada a hipótese de que os adultos não procuram aprender uma língua exclusivamente por alguma imposição, mas vão espontaneamente procurar um curso que os ajudem.

Adultos são capazes de lidar com regras e conceitos abstratos (BROWN, 2001 e HARMER, 2007). Em outras palavras, eles não precisam exclusivamente estarem envolvidos em jogos e músicas para estarem motivados em aprender. Além do mais, adultos conseguem ficar envolvidos em atividades por mais tempo que os mais jovens, embora atividades entediadas podem interferir na motivação de adultos (HARMER, 2007). Resumindo, os adultos apresentam muitas vantagens em relação aos jovens no sucesso da aprendizagem de uma língua estrangeira, porém

alguns fatores práticos e motivacionais podem dificultar esse progresso (EYRING, 2014). Knowles (2005 apud RIGO, 2008 n. p.) identifica 5 características dos alunos adultos:

- Os adultos são motivados a aprender à medida que experimentam que suas necessidades e interesses são satisfeitos.
- A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida; por isto as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não disciplinas,
- A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isto, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências.
- Os adultos têm uma profunda necessidade de serem autogeridos; por isto; o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seus conhecimentos e depois avaliá-los.
- A,s diferenças individuais entre pessoas crescem com a idade; por isto a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

Dessa forma, Oliveira (2008) assevera que a fase adulta merece um destaque considerável visto que essa é uma fase de maturidade onde a aprendizagem possui um objetivo claro e é encarada com maior solidez.

2.5. HIPÓTESES DAS DESVANTAGENS DOS ADULTOS NA APRENDIZAGEM DA LI COMO LE

Analisando os adultos enquanto aprendizes de uma LE, observamos que eles podem, de alguma forma, apresentar algumas desvantagens em relação as crianças e adolescentes. É importante lembrar, que essas hipóteses podem ou não serem identificadas nos alunos adultos, sendo que cada um precisa ser acompanhado na sua individualidade.

2.5.1 Pronúncia

Já é sabido que o fator idade é motivo de muitas pesquisas sobre a aprendizagem da LI. Muitos desses autores enfatizam que quanto mais cedo a criança começar a estudar uma língua, um melhor sotaque assemelhando-se aos

falantes nativos da língua-alvo se obterá (GOODWIN, 2014). Se levarmos isso em consideração, poderíamos afirmar que adultos nunca seriam fluentes na LI.

A hipótese do Período Crítico demonstra que:

A mente da criança ainda está flexível e eles podem alcançar uma proficiência nativa em uma língua estrangeira. Porém, muitos outros estudos mais recentes mostraram que começar a estudar a L2 ainda criança não, necessariamente, fornece uma vantagem em relação aqueles que iniciam os estudos mais tarde (SHIN, 2014 p.553)

Porém, o que pode acontecer é que adultos podem apresentar uma dificuldade maior em relação às crianças ou até mesmo os adolescentes para adquirir uma pronúncia que se aproxime de um falante nativo (HARMER, 2007).

Ao contrário da criança, o adulto encontra dificuldade para pronunciar determinados sons da língua estrangeira, principalmente aqueles que não fazem parte dos fonemas de sua língua materna. Essa dificuldade se dá, sobretudo, pelo fato de o cérebro não ter sido treinado para discriminá-los ainda na infância. Outro aspecto a ser considerado é o aparelho fonador, órgão fisiologicamente preparado para produzir a fala. Este, na vida adulta, já está estabilizado e formatado para a produção dos sons da LM; decorre, daí, que a articulação do som estrangeiro apresentará dificuldade e sua produção será imperfeita. Por isso, o processo de aquisição da LE se torna mais difícil para o adulto, é mais lento, trabalhoso e imperfeito e com maior probabilidade de sotaque. (MOTTER, 2007, p.83).

Isso explica porque ouvimos muitas queixas de nossos alunos em relação a pronúncia. Por outro lado, já vimos também que a fluência na L2 não é algo impossível de ser alcançada, porém muito mais trabalhosa se comparada a crianças passando pelo mesmo processo de aprendizagem.

“É importante que os alunos saibam que um período de incubação relativamente longo é necessário para que o ouvido se habitue às tonalidades do idioma estrangeiro e que é preciso contar com um período ainda mais prolongado para que os órgãos fonadores se acostumem a emitir, sem grandes dificuldades, os novos conjuntos fonéticos que aparecem nessa língua (PASSEL, 1983, p. 32).

É preciso conscientizar os nossos alunos, especialmente os adultos, que apresentar uma certa dificuldade de compreender e ser compreendido em uma LE é absolutamente normal e admissível (PASSEL, 1983). Além do mais, querer aprender uma LE ou melhorar seus resultados enquanto aprendiz, é algo que deve partir de cada aluno.

2.5.2 Língua Materna

Outro fator importante que é colocado como uma desvantagem na aprendizagem do adulto é a Língua Materna sendo entendida como primeira língua ou também como L1. “Pesquisadores como Cook (2001), Auerbach (1993), Atkinson (1987) sugerem que a LM deve ser utilizada para facilitar a aprendizagem de LI, desde que de forma moderada” (RODRIGUES, 2012, p.84). Uma problemática que pode ser levantada é: Até que ponto o uso e as conexões com a LM são positivas no processo de aprendizagem do aluno? Sendo assim, o uso ou não da LM torna-se um tema controverso. Se de um lado temos pesquisadores que defendem o seu uso moderado, por outro lado existem pesquisadores como Turnbull (2001, apud RODRIGUES, 2012) que argumentam que o uso abusivo da LM pode ser prejudicial à aprendizagem da LE.

É importante ressaltar que a LM aflora no aluno a necessidade e a vontade de traduzir todas as palavras e frases da língua estudada. Passel (1983) menciona que os alunos tendem a fazer listas e listas com vocabulário bilíngue e isso pode estar relacionado a resquícios de aprendizagens passadas, ou seja, quando adultos estudaram no ensino fundamental ou médio. Ele ainda acrescenta que:

(...) o adulto quer “traduzir”, isto é, compreender o sentido das palavras da língua-objetivo através de seus equivalentes na língua materna, em vez de tentar entender a palavra, ou melhor, a cadeia sonora da língua estrangeira, sem meio termo, sem intermédios. Isto acarreta também o erro que consiste em acreditar que basta enfileirar palavras isoladas para produzir orações, em considerar o conhecimento de uma língua como conhecimento de um certo número de palavras, em não tentar gravar ou assimilar as palavras num contexto; processo esse que possibilita simultaneamente a prática estrutural e evita o perigo de reter um falso significado. (PASSEL, 1983, p. 29,30).

Brown (2001) salienta que a LM é um fator significativo na aquisição de uma nova língua, pois na maioria das vezes os alunos começam a estudar uma L2 com a interferência da LM. Quando lidamos com adultos, enxergamos que isso pode se estender por toda a vida escolar. Ele continua explicando que: “A maioria dos erros dos alunos em produzir na L2, especialmente nos níveis iniciais, resulta da

suposição que a língua estudada funciona da mesma forma que a sua LM⁵ (BROWN, 2001, p.65). Isso pode ser observado quando os alunos dizem: *This is a car blue*⁶, pois na língua portuguesa diríamos: *Este é um carro azul*. O que houve aqui foi uma interferência negativa da LM, pois o correto seria dizer: *This is a blue car*⁷.

Brown e Attardo (2003) apontam que a L1 do aluno é obviamente transferida para a L2, visto que ele está aprendendo uma língua adicional. Esses autores nos chamam a atenção para o fato de que a L1 pode afetar a aprendizagem em quase todas as áreas, ou seja, a fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Eles ainda acrescentam que talvez as áreas que mais ocorram transferências, sejam provavelmente o sotaque e os vocabulários que envolvem subáreas da fonética/fonologia e semântica.

Para Yule (1996) alguns erros que os alunos cometem na L2 podem estar relacionados à transferência de expressões ou estruturas provenientes da L1. O autor também ressalta que as interferências são mais comuns de acontecerem nos primeiros estágios da aprendizagem da L2 e geralmente tendem a diminuir com a familiarização com a língua estudada.

2.5.3. Tempo

Quando os adultos começam a estudar uma LE o fator tempo é, sem sombra de dúvidas, uma desvantagem a ser apontada se os compararmos com crianças ou adolescentes. Passel (1983) relata que adultos, na maioria das vezes, chegam às aulas depois de uma jornada exaustiva de trabalho e podem apresentar uma dificuldade em se concentrar, visto que, muitas vezes, adultos não conseguem se desprender de problemas profissionais. Segundo esse autor, “a capacidade de

5 *Children's minds are still flexible and they can achieve natively proficiency in a foreign language. However, several more recent studies have shown that starting ESL at a younger age does not necessarily provide an advantage over their later start.*

6 Este é um carro é azul (Tradução literal)

7 Este é um azul carro. (Tradução literal)

assimilação desses alunos será consideravelmente mais fraca que aquela de alunos - crianças, jovens ou adultos - que podem consagrar todo o seu tempo aos estudos” (PASSEL, 1983 p. 30).

Shin (2014) acrescenta que de acordo com Curtain e Dahlberg (2010), o tempo é um ótimo aliado no desenvolvimento da proficiência na língua. Pois, a criança passa por uma exposição maior da língua quando as comparamos aos adultos. Por outro lado, não podemos afirmar que o adulto seja prejudicado pela falta de tempo, mas terá que se empenhar mais para adquirir uma proficiência que se assemelha a um falante nativo devido a vida que leva.

Tratando-se de ensino de adultos, não se pode também esquecer que, quando tais alunos chegam às aulas, a maioria já vem de uma longa jornada de trabalho ou então já teve até que interrompê-la para se dedicar ao curso. O professor, então, deverá ter consideração que, via de regra, estará trabalhando com pessoas fatigadas, com dificuldade em se concentrar e que, mesmo durante a aula, não conseguem esquecer seus problemas profissionais. (PASSEL, 1983, p. 30)

2.5.4 Motivação

A motivação é um fator que merece uma atenção especial. Para Motter (2007 p.151) ela é vista como um “mecanismo que envolverá atitudes e estágios efetivos que influenciarão os aprendizes no exercício de aprender a língua alvo, além de ser um fator essencial para um melhor aproveitamento nesse aprendizado”. A motivação é uma palavra que é usada tanto por professores quanto por alunos quando querem se referir ao sucesso ou fracasso na aprendizagem de uma língua (DÖRNYEI, 2014). Harmer (2007) relata que a motivação é essencial para o sucesso da aprendizagem de uma língua. E acrescenta que “a motivação é um tipo de mecanismo que empurra alguém a fazer coisas para alcançar alguma coisa⁸” (idem, 2007, p. 98). Ele ainda adiciona que os adultos podem ter objetivos vagos ou claramente definidos em relação ao que eles querem alcançar na aprendizagem do idioma estudado. Ur (2005) de igual modo explica que a motivação do aprendiz faz com que a aprendizagem se torne mais fácil, agradável e produtiva.

⁸ *motivation is some kind of internal drive which pushes someone to do things in order to achieve something.*

Ellis (1997) caracteriza alguns tipos de motivação, tais como motivação extrínseca, ou aquela que vem de fora; motivação integrativa, que faz referência à questão de integração na cultura do falante nativo do idioma; motivação intrínseca, que se apoia exclusivamente nos aspectos intrapessoais e particulares de cada indivíduo; e motivação instrumental, garantida pela razão funcional de um exercício ou de carreira. (MOTTER, 2007, p.151).

Harmer (2007) traz a motivação intrínseca e a extrínseca, sendo a primeira aquela que vem de dentro e a segunda como aquela que vem de fora. Ele acrescenta que a motivação intrínseca depende da pessoa para acontecer porque a pessoa precisa ser motivada pelo agradável processo de aprendizagem, enquanto a motivação extrínseca pode ser aquela necessidade do aluno em passar em uma prova, uma promoção financeira no trabalho ou a possibilidade de uma viagem no futuro. Schultz (2003, apud MOTTER, 2007 p. 151) semelhantemente “acredita que a motivação também seja promovida por fatores externos e internos que alcançam a mente e o desempenho do aprendiz”.

Ur (2005) aborda que um estudo feito por Naiman, entre outros autores, em 1978 a respeito do sucesso da aprendizagem na língua, concluiu que aqueles que alcançaram um maior sucesso na aprendizagem, não eram necessariamente aqueles que tinham mais facilidade em aprender, mas aqueles que dispunham de certas características. Algumas delas são:

- 1- Orientação positiva da atividade. O aprendiz está disposto em lidar com tarefas e desafios e é confiante em seu sucesso.
- 2- Envolvimento do ego. O aprendiz vê a importância em ter sucesso na aprendizagem a fim de manter e promover sua auto-imagem positiva.
- 3- Necessidade de realização. O aprendiz tem uma necessidade de alcançar, superar as dificuldades e vencer naquilo que ele estabelece para fazer.
- 4- Aspirações. O aprendiz é ambicioso, passa por desafios exigentes, proficiência e notas altas.
- 5- Orientação. O aprendiz é bem consciente dos objetivos ou das atividades específicas do aprendizado, e direciona seus esforços em alcançá-los.
- 6- Perseverança. O aprendiz investe consistentemente um alto nível de esforço na aprendizagem, e não fica desencorajado por obstáculos ou aparente falta de progresso.
- 7- Tolerância à ambiguidade. O aprendiz não fica incomodado ou frustrado por situações que envolvam uma falta temporária de entendimento ou

confusão; ele pode viver sem isso pacientemente na certeza que o entendimento virá mais tarde⁹. (UR, 2005, p. 275).

Segundo a autora, essas características estão intrinsecamente ligadas a motivação que o aluno tem dentro de si, assim como as que ele recebe no ambiente de aprendizagem. Em outras palavras, ela acrescenta que há alguns anos, o professor era visto como aquele responsável em motivar seus alunos, mas que, estudos recentes apontam que o professor não está sozinho nessa tarefa e é visto como aquele que providencia materiais e condições para que a aprendizagem aconteça. É o que Fernandes (2011) resume bem quando relata que:

Woolfolk (2000) define a motivação como sendo um estado interior que estimula, direciona e mantém o comportamento. Nesta visão, quando o professor identifica os fatores que motivaram seu aluno a estudar uma LE, e cria situações relacionadas a eles, o sucesso na aprendizagem do aluno será muito maior. (FERNANDES, 2011 p. 5979)

2.5.5 Afetividade

A afetividade também é algo importante a ser levado em consideração. Podemos dizer que desde as considerações de Krashen (1982) que apresentou as teorias do Filtro Afetivo esse assunto é bastante disseminado. Oliveira (2008, p. 152) explica que o filtro afetivo de Krashen é entendido como “um bloqueio mental que impede o aprendiz de utilizar totalmente o insumo compreensível recebido para a aquisição da língua”.

9 1- *Positive task orientation. The learner is willing to tackle tasks and challenge, and has confidence in his or her success..*

2- *Ego-involvement. The learner finds it important to succeed in learning in order to maintain and promote his or her own (positive) self-image.*

3- *Need for achievement. The learner has a need to achieve, overcome difficulties and succeed in what he or she sets out to do.*

4- *High aspirations. The learner is ambitious, goes for demanding challenges, high proficiency, top grades.*

5- *Goal orientation. The learner is very aware of the goals of learning, or of specific learning activities, and directs his or her efforts towards achieving them.*

6- *Perseverance. The learner consistently invest a high level of effort in learning, and is not discouraged by setbacks or apparent lack of progress.*

7- *Tolerance of ambiguity. The learner is not disturbed or frustrated by situations involving temporary lack of understanding or confusion; he or she can live with these patiently, in the confidence that understanding will come later.*

(...) Krashen (1982) cita três variáveis afetivas que facilitam a aquisição da LE: motivação, autoconfiança e ansiedade. Estudantes motivados, confiantes com e baixa ansiedade possuem mais propensão de obter sucesso na aquisição da língua. Do outro lado, alunos tensos, ansiosos e com baixa estima, possuem um filtro afetivo muito alto formando um bloqueio mental, diminuindo seu sucesso na aprendizagem. (FERNANDES, 2011 p.152)

Sendo assim, falar em afetividade é relevante, pois isto está diretamente ligado a “fatores como inibição, extroversão, empatia, ansiedade, atitudes, egocentrismo” (OLIVEIRA, 2008 p. 152). Esses sentimentos, acrescenta Oliveira (2008), podem estar presentes no contexto da aprendizagem e podem contribuir para o sucesso ou fracasso do aprendiz. É relevante acrescentar as palavras de Fernandes (2011, p 5982) que complementa esse pensamento quando ele diz que: “O aluno deve sentir confiança no professor, ter a certeza que sua tentativa de acerto será vista de maneira atenciosa pelo profissional, e não com um olhar de repreensão”.

Purpura (2014, p 553) menciona que:

(...) as estratégias afetivas sendo entendidas como comportamentos que permitem ao aprendiz identificar e adaptar-se aos seus sentimentos, crenças, atitudes, e impulsos quando estão aprendendo ou usando uma LE, como por exemplo, lidar com suas frustrações¹⁰

É importante salientar também que o professor precisa entender as necessidades de seus alunos a fim de ajudá-los a controlar sentimentos limitadores e expandir os sentimentos que agregam na aprendizagem.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este capítulo trata da metodologia, do contexto da pesquisa e dos instrumentos utilizados na pesquisa para a coleta de dados.

10 (...) *affective strategies are behaviours that allow learners to identify and adjust their feelings, beliefs, attitudes, and impulse while learning and using SFL (eg., coping with frustration).*

3.1. METODOLOGIA DA PESQUISA

Com o objetivo de verificar se a idade interfere na aprendizagem do inglês como LE, verificar como isso acontece nas crianças, adolescentes e adultos e ainda levantar hipóteses das desvantagens do adulto nessa aprendizagem, a pesquisa foi embasada no estudo das teorias de, entre outros, Harmer (2007), Cameron (2001), Shin (2014), Brown (2001) e Passel (1983) e contou com 33 participantes.

Shin (2014) aponta que há uma grande preocupação de professores, pais e alunos, em determinar a melhor idade para aprender uma LE. A partir daí, acontece uma explanação a respeito das crianças, adolescentes e adultos quando estão inseridos no processo de ensino-aprendizagem.

Cameron (2001) apresenta as teorias de Jean Piaget e Vygotsky no ensino de crianças. Harmer (2007) e Brown (2001) apresentam os adolescentes como aqueles que estão entre as crianças e os adultos, mas nem por isso ficam prejudicados na aprendizagem visto que os seus sentidos de responsabilidade já estão aflorados o suficiente para realizarem as tarefas propostas. Passel (1983), destaca que os adultos, quando procura estudar uma língua, a procura sabendo os motivos e aonde se quer chegar. Por fim, as hipóteses das desvantagens dos adultos na aprendizagem é colocado como a grande problemática para esse estudo.

Diante desse cenário, esta pesquisa é de natureza quantitativa e qualitativa visto que será necessário quantificar as opiniões e informações através de um questionário com perguntas assertivas e qualitativa com uma pergunta no final do questionário de livre interpretação do participante.

3.2. CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada através de um questionário online disponível no site: www.surveio.com, com a colaboração de professores de LI de cursos de idiomas e estudantes de Letras de uma instituição de ensino superior privada do DF. Nesta pesquisa não foi preciso discriminar o local de trabalho de cada participante, pois o

mais importante aqui era identificar como o profissional enxerga seus alunos, principalmente os adultos, assim como o que eles, enquanto educadores, fazem para ajudá-los. Sendo assim, maiores informações não foram necessárias para o estudo.

A pesquisa foi feita no primeiro semestre de 2017. Um link clicável foi enviado para o celular dos participantes que se dispuseram a participar. Essa pesquisa ficou disponível no período de 31 de maio de 2017 até 10 de junho de 2017. Depois desse período, a pesquisa foi encerrada para a análise dos dados.

3.3. PERFIL DOS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa professores de cursos de idiomas de escolas distintas que trabalham com crianças, adolescentes e adultos assim como estudantes do curso de Letras de uma instituição superior privada do DF. Os participantes são de ambos os sexos, prevalecendo o sexo feminino. A faixa etária variou entre 20 anos e acima de 51 anos de idade. O tempo de magistério ficou entre 0 a mais que 12 anos.

3.4. INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizamos do questionário fechado de escala de *Likert* e uma pergunta a ser respondida ao final das assertivas. Essa escala é utilizada para questionários fechados que:

(...) oferecem um conjunto pré-determinado de afirmações, cabendo ao participante simplesmente completá-lo, sendo mais conhecido e utilizado o questionário criado por Elaine Horwitz (1985) intitulado Beliefs about Language Inventory (BALLI). (VIEIRA-ABRAHÃO 2010, apud SILVA, 2015 p. 31)

Para quantificar os dados foi utilizado o cálculo do Ranking Médio (RM) proposto por Oliveira L. (2005). Neste modelo, as respostas terão valores de um a cinco (1 – 5) para calcular a média ponderada (MP), ou seja, para se obter a MP é necessário fazer o somatório da frequência das respostas de cada item e multiplicá-las pelos valores atribuídos (1 – 5). Em seguida, o resultado obtido na MP deve ser dividido pelo número de participantes, que neste estudo contou com a participação de oito respondentes. Dessa forma,

encontra-se o RM de cada um dos itens propostos. Ao definir o RM, entende-se que quanto maior for o RM, maior será o grau de concordância dos participantes. (SILVA, 2012 p. 35)

3.4.1. Questionário

Um questionário fechado foi enviado aos participantes sendo baseado na escala de *likert* contendo 9 afirmações a fim de verificarmos se o fator idade influencia ou não a aprendizagem do inglês como língua estrangeira e se os adultos são prejudicados nessa escolha tardia. Depois das assertivas, havia uma pergunta dissertativa.

Como se trata, na primeira parte, de um questionário fechado, os participantes precisavam marcar apenas uma opção dentro de uma escala de um a cinco (1 – 5) que mais se aproximava da opinião de cada um sobre o fator idade e a aprendizagem do Inglês como LE. O questionário foi codificado baseado na escala *likert* da seguinte forma: 1= discordo totalmente, 2= discordo, 3= nem concordo e nem discordo, 4= concordo, 5= concordo totalmente.

Nos dados pessoais, os participantes também só precisavam assinalar uma opção de acordo com o perfil de cada um. Os dados preenchidos foram importantes para traçar o perfil da população, mas em momento algum, o participante precisou se identificar. Neste campo de dados pessoais o participante informou apenas sexo, faixa etária e quantos anos aproximadamente possui de experiência como professor de LI.

Cada participante recebeu o link da pesquisa em seu celular para que eles pudessem responder no momento em que julgasse mais apropriado. Com o intuito de verificar o problema proposto, a pesquisadora elaborou um questionário elencando possíveis hipóteses do ensino e aprendizagem da LI como LE principalmente para adultos.

3.4.2. Resposta dissertativa

Após o preenchimento do questionário, cada participante respondeu a uma pergunta dissertativa também relacionada ao tema. Dessa forma, cada um pode discorrer sobre seu ponto de vista. Como não houve uma identificação dos participantes da pesquisa, não foi necessário o uso de pseudônimos na análise das respostas.

4. RESULTADOS

Neste capítulo, os dados quantitativos obtidos com o questionário fechado serão apresentados. Contudo, os dados qualitativos obtidos com as respostas dissertativas, que requerem interpretação, serão analisados e discutidos no capítulo 5.

Primeiramente, apresentaremos a coleta de dados do perfil de cada participante, que foram escolhidos voluntária e aleatoriamente, para traçarmos o perfil da população a ser estudada. Nessa parte do questionário, os participantes forneceram informações sobre sexo, idade e experiência na docência da LI.

Em relação ao sexo e a idade, a pesquisa contou com a colaboração de 21 mulheres e 12 homens. Dentre os participantes, 23 se declararam com idade entre 20 e 30 anos, 9 participantes com idade entre 31 e 40 anos e 1 acima de 50 anos.

O tempo de experiência declarado mostrou que 10 participantes se declararam com experiência entre 0 a 3 anos, 12 entre 4 a 7 anos, 4 entre 8 a 11 anos e 7 com 12 anos ou mais de experiência na área.

A seguir, apresento uma tabela para apresentar as assertivas com o resultado da pesquisa. Através dessas afirmações, pretendeu-se descrever, qualificar e quantificar dados relativos a hipótese de que a idade do aluno interfere ou não na aprendizagem de uma LE, especialmente em adultos.

Para melhor visualização dos dados, apresentamos a tabela 1 com a frequência das respostas de cada assertiva em cada item assim como os resultados obtidos do MP e RM.

Tabela 1 – Grau de concordância das assertivas

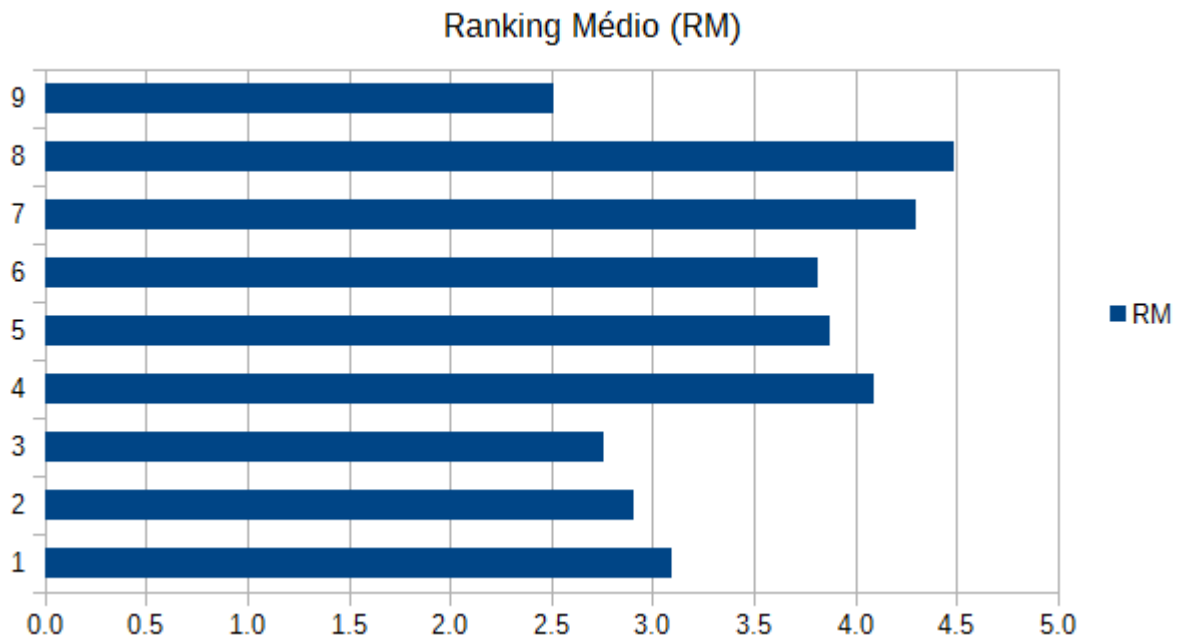
Itens	1	2	3	4	5	M	RM
1- Há uma idade ideal para se aprender a língua inglesa como língua estrangeira.	3	8	9	9	4	102	3,1
2- Ensinar adultos pode, de alguma forma, se assemelhar ao ensino de adolescentes e crianças.	3	11	7	10	2	96	2,9
3- A língua materna facilita a aprendizagem da língua inglesa para adultos.	8	5	9	9	2	91	2,8
4- Qualquer pessoa pode desenvolver proficiência em línguas estrangeiras, porém umas com mais facilidade e perfeição que outra	1	1	2	19	10	135	4,1
5- Adultos podem apresentar uma dificuldade maior em adquirir uma pronúncia que se aproxime de um falante nativo.	2	1	3	20	7	128	3,9
6- A falta de tempo atrapalha na aprendizagem do adulto.	1	6	2	13	11	126	3,8
7- Quanto mais cedo se começar a estudar uma língua, melhor	0	0	2	19	12	142	4,3
8- A motivação correta auxilia na aprendizagem dos alunos.	0	1	0	14	18	148	4,5
9- Os melhores alunos são as crianças.	4	14	10	4	1	83	2,5

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando os dados obtidos pelo RM nesta tabela, observamos que os itens 4, 7 e 8 apresentam o maior índice de concordância, variando entre 4, 5 e 4, 1. Em seguida, observamos que os itens 1, 5 e 6 obtiveram um grau de concordância neutro, variando entre 3,9 e 3,1. Destacamos os itens 2, 3 e 9 com variação de 2,9 e 2,5 estando um pouco abaixo da média de concordância. A pesquisa não apresentou índices menores que estes, não havendo uma grande discordância entre os participantes.

A seguir, apresentaremos os gráficos individuais para uma melhor apreciação dos dados obtidos.

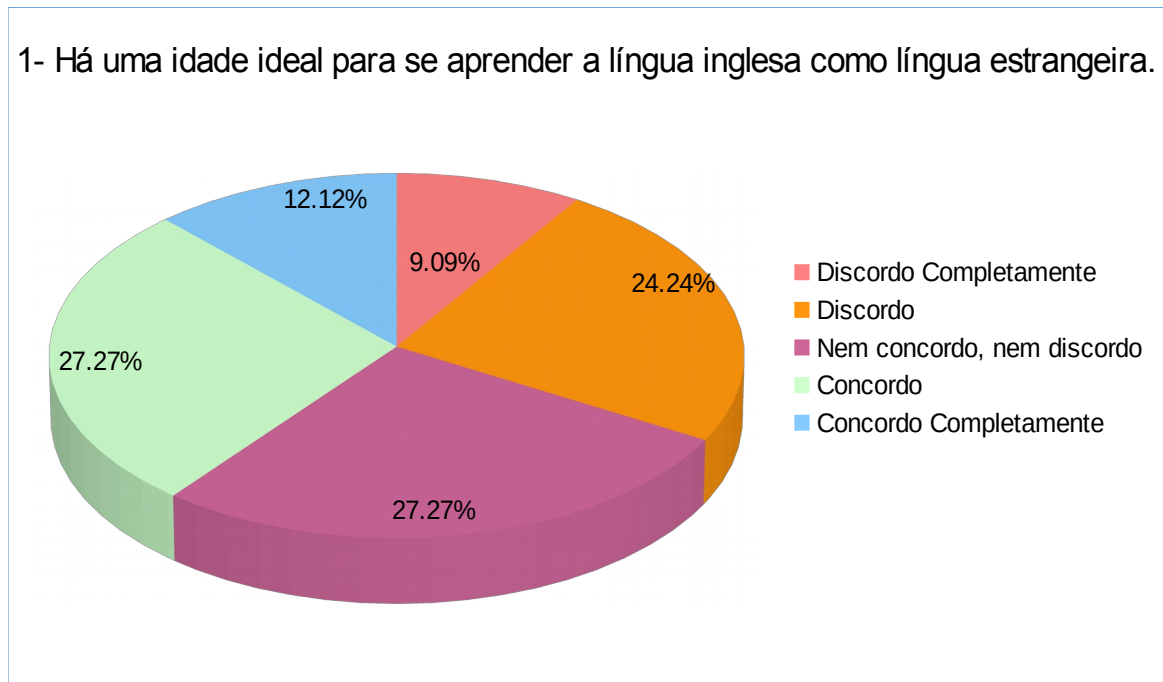
Gráfico 1- Grau de concordância das assertivas acerca da idade como um fator de interferência na aprendizagem da LI



Os gráficos de 2 - 10 mostram os resultados individuais das assertivas, de acordo com cada pergunta do questionário. Esses dados foram extraídos do site www.survio.com¹¹, que gerou a pesquisa. Porém não foram utilizados os gráficos gerados automaticamente pela página para uma melhor apreciação dos dados.

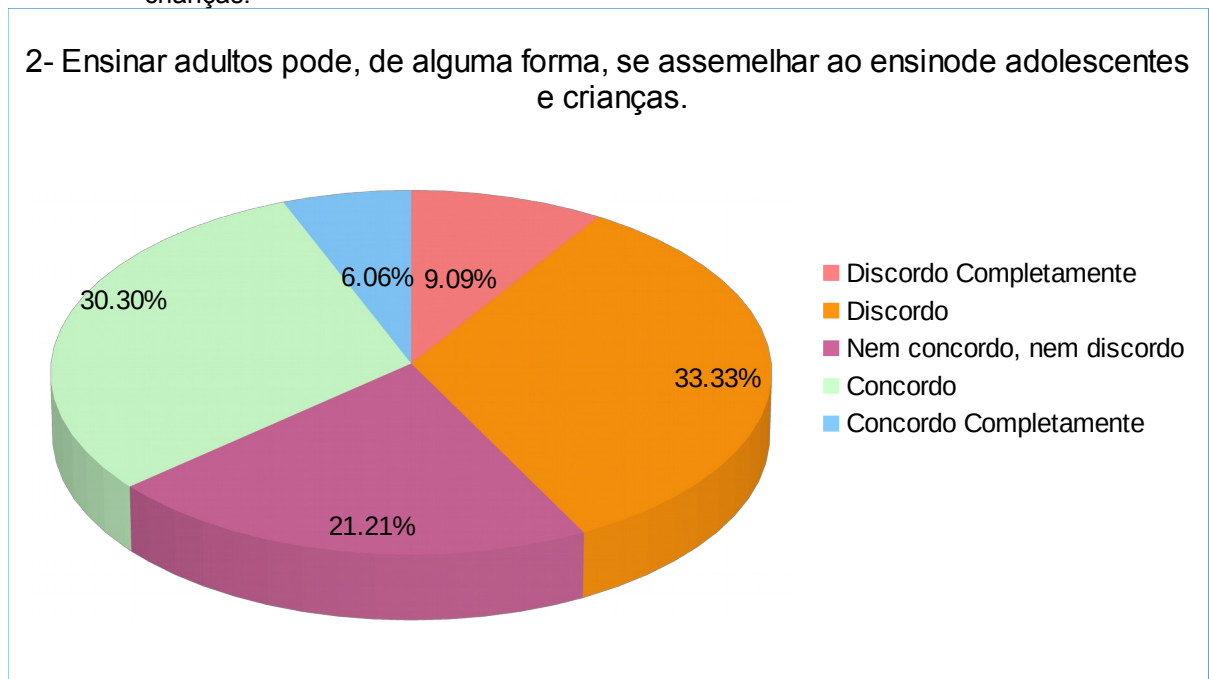
11 Ver anexo A

Gráfico 2 - Grau de concordância sobre a idade ideal para se aprender uma LE.



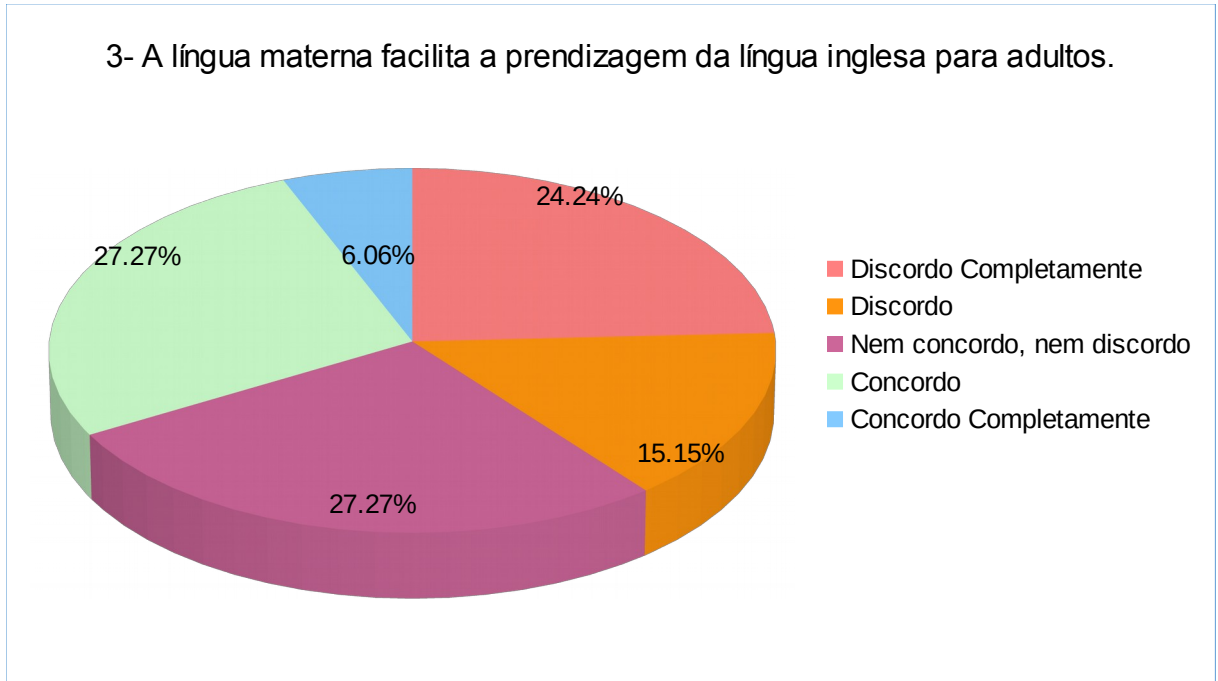
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 3 - Grau de concordância da semelhança do ensino de adultos com o de adolescentes e crianças.



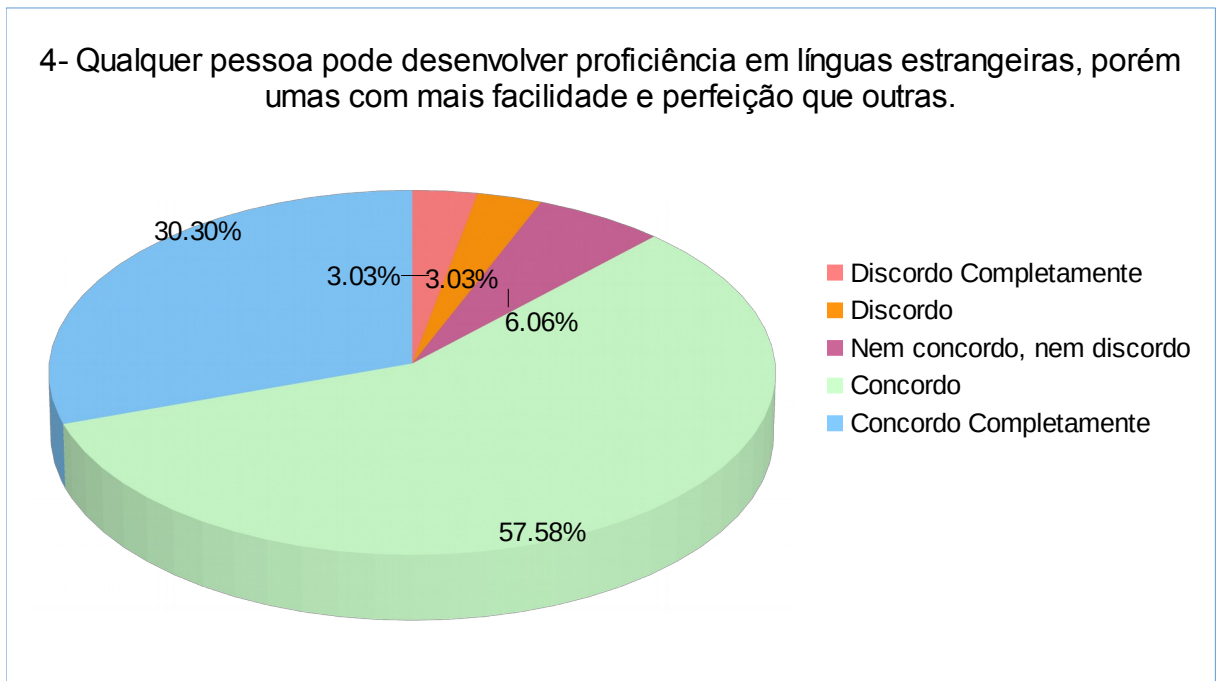
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 4 - Grau de concordância sobre a interferência da LM na aprendizagem do inglês para adultos.



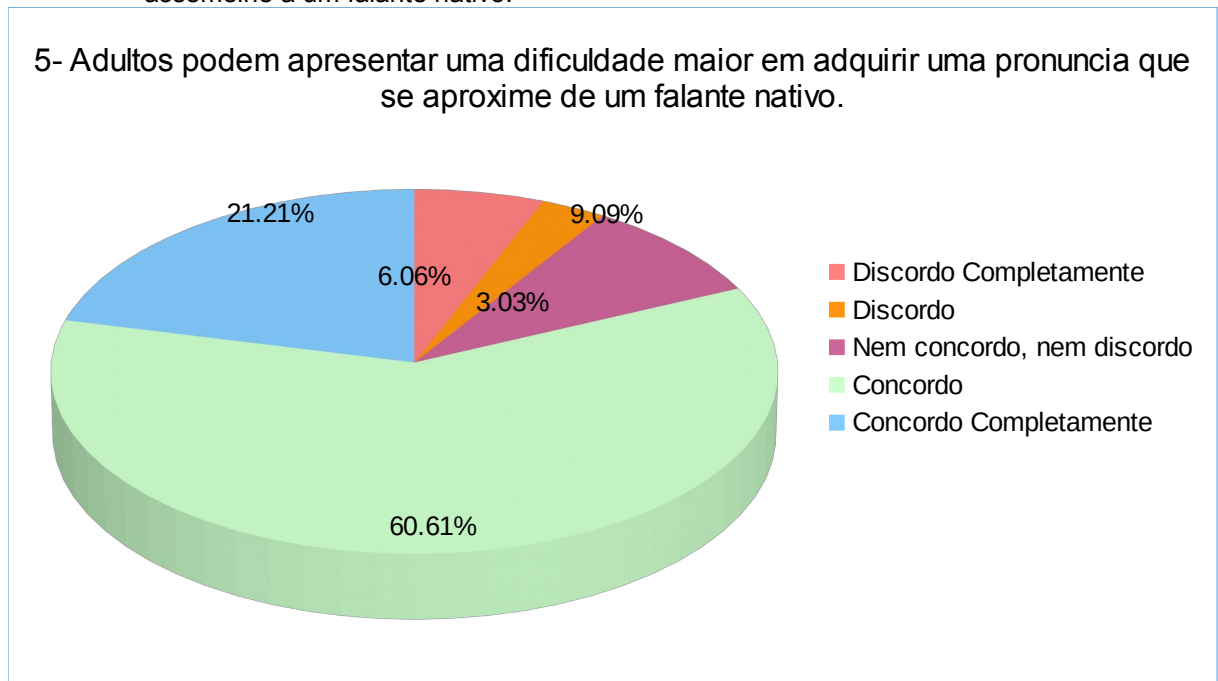
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 5 - Grau de concordância a respeito do desenvolvimento da proficiência em LI.



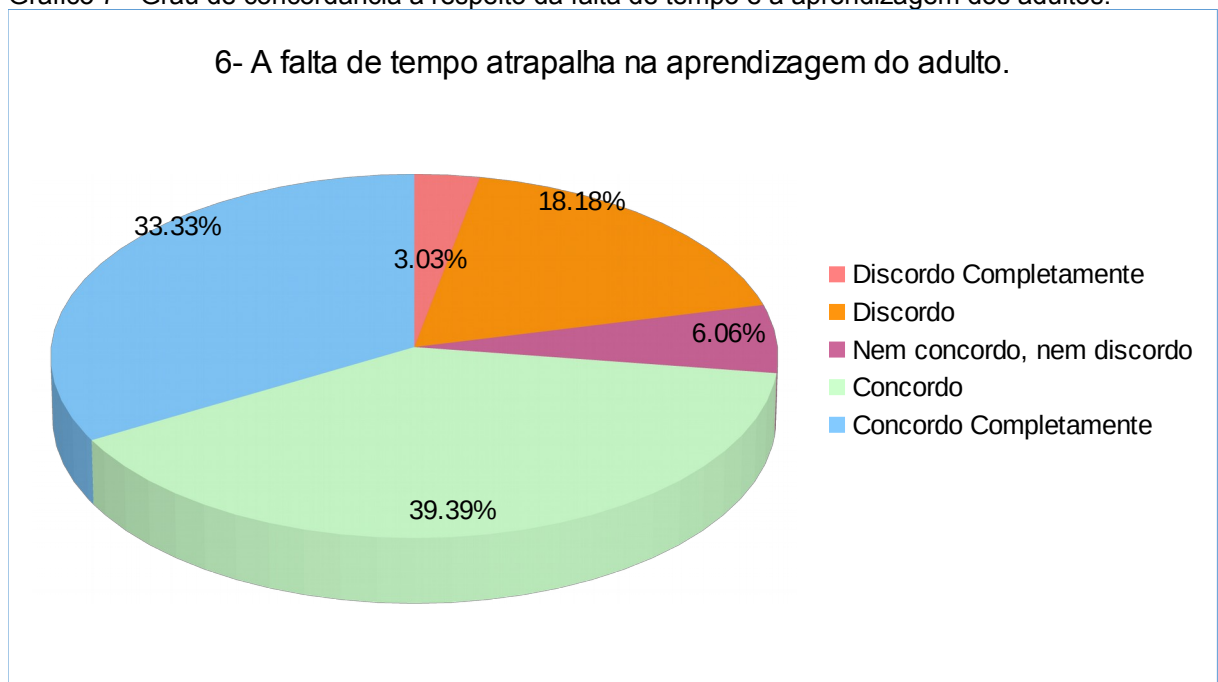
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 6 - Grau de concordância sobre a dificuldade de adultos em adquirir uma pronúncia que se assemelhe a um falante nativo.



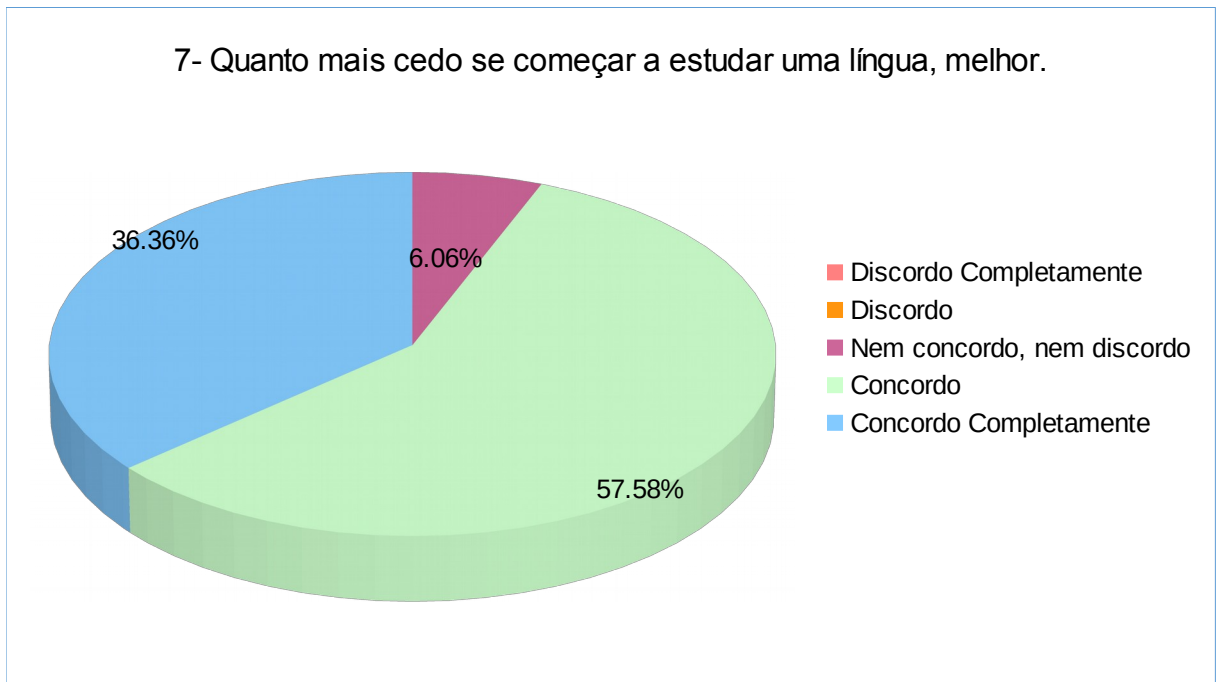
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 7 - Grau de concordância a respeito da falta de tempo e a aprendizagem dos adultos.



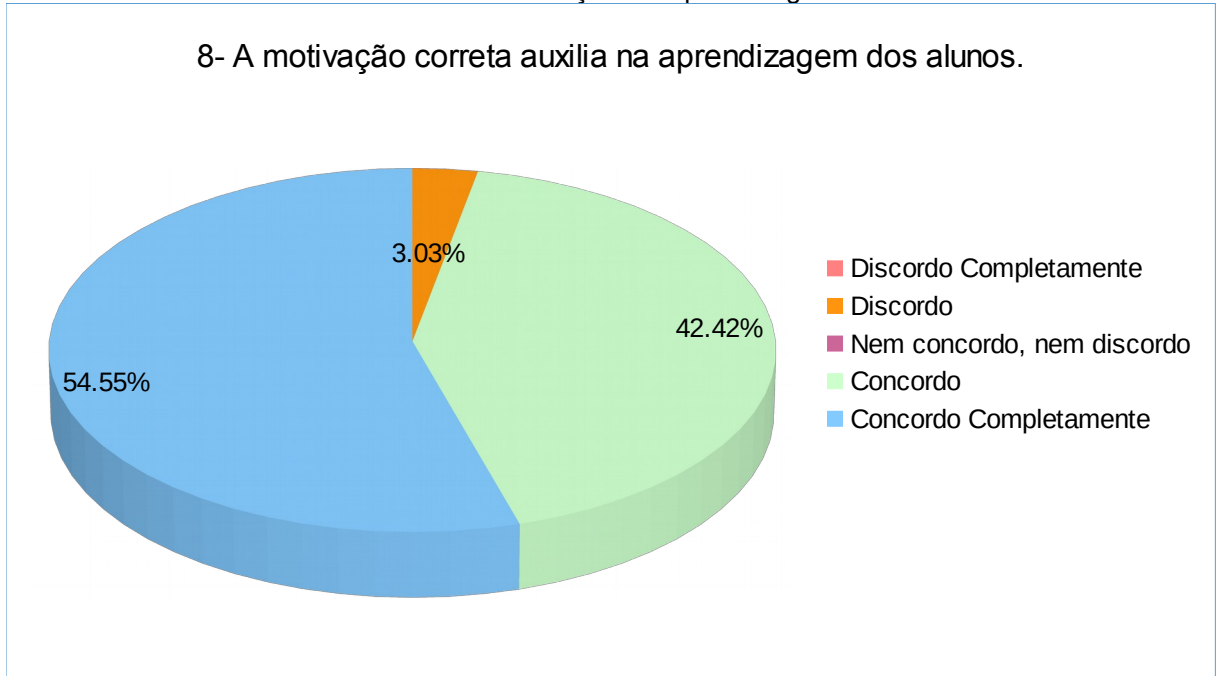
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 8- Grau de concordância sobre o tempo de estudo dedicado a aprendizagem da língua.



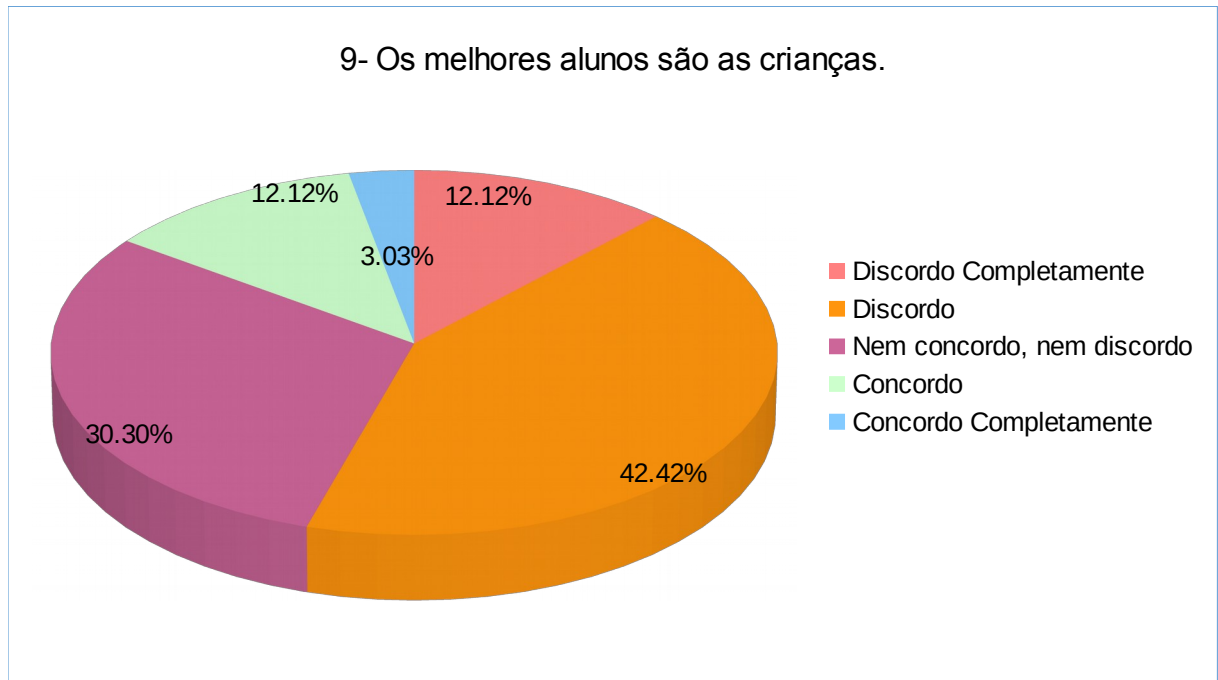
Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 9- Grau de concordância sobre a motivação e a aprendizagem dos adultos.



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 10 - Grau de concordância sobre as crianças serem os melhores alunos.



Fonte: Dados da pesquisa

5- DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo faremos uma discussão e análise de todos os dados coletados - quantitativos e qualitativos. Os resultados apresentados no questionário fechado e a pergunta dissertativa que serão discutidos juntos. Os dados da pesquisa e o referencial teórico serão cruzados a fim de que as respostas discursivas complementem-se para chegarmos a um resultado coerente e verificarmos se o fator idade interfere ou não na aprendizagem da língua inglesa, especialmente para os adultos.

Os dados das assertivas serão cruzados com a pergunta dissertativa do final do questionário. Optamos por colocar uma pergunta para resposta pessoal ao final das assertivas para melhor analisarmos as impressões dos participantes em relação ao tópico proposto. Essas reflexões podem nos ajudar a entender, de forma mais específica, o nível de conhecimento em relação à problemática. Sendo assim a

seguinte pergunta foi feita: “Na sua opinião, a idade adulta interfere na aprendizagem do inglês como língua estrangeira?”¹²

Lendo e interpretando as respostas, observamos que muitos deles citam tópicos expostos e discutidos no referencial teórico e nas assertivas do questionário. A maioria dos participantes que respondeu a pergunta, concordam que a idade adulta interfere na aprendizagem do inglês como LI e justificam dizendo, de uma forma geral, que os adultos enfrentam barreiras na aprendizagem do idioma que crianças e adolescentes não enfrentam ou enfrentam de uma outra forma.

Como explicado no capítulo 1, a intenção da aplicação do questionário foi levantar as opiniões dos participantes acerca do tema para possivelmente refletirmos a respeito da questão da idade do aluno ao optar em estudar uma LE, em especial a LI.

Fazendo uma análise ampla dos dados, observamos que a afirmativa: A motivação correta auxilia na aprendizagem dos alunos (gráfico 9), teve a maior porcentagem de participantes concordando completamente, ou seja, 54% deles. Em seguida está a assertiva do gráfico 5 e gráfico 8, ambos com 57,58%. O gráfico 5 demonstrou a afirmação que qualquer pessoa pode desenvolver proficiência em LE, porém umas com mais facilidade que outras. O gráfico 8 demonstrou a afirmação de que quanto mais cedo se começar a estudar uma língua, melhor.

O menor grau de concordância dos participantes encontra-se no gráfico 4, onde 6,06% dos participantes discordaram completamente que a LM facilita a aprendizagem para adultos.

5.1. ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

Na assertiva do gráfico 2 (item 1) identificamos que houve um empate no número de participantes que concordam que há uma idade ideal para se aprender o inglês como LE assim como aqueles que não concordam e nem discordam com a

12 Ver anexo B

afirmação. Por outro lado, vimos que a literatura revisada nos mostra que muitas pessoas são tendenciosas em dizer que a infância seria esse momento ideal, mas os próprios autores e pesquisadores como Harmer (2010), Shin (2014), entre outros, também afirmam que não existe essa idade ideal, mas existem aqueles alunos que apresentarão uma maior facilidade em aprender uma LE enquanto outras precisarão de mais dedicação aos estudos.

Essa afirmação foi citada nos seguintes relatos:

Acredito que qualquer pessoa em qualquer idade pode aprender qualquer língua estrangeira. Porém há fatores como, falta de tempo, que podem tornar o ensino e aprendizado mais desafiador.

A idade interfere na aprendizagem mas não é o fator mais importante. É possível aprender em qualquer idade.

(...) tudo depende do estilo de vida que a pessoa leva. Um aluno adulto que seja dedicado e que organize bem o seu tempo terá um bom rendimento. É fato que as crianças conseguem aprender de forma mais rápida, os músculos na face ainda estão se formando, várias coisas facilitam o aprendizado, mas os alunos geralmente têm mais facilidade com a gramática da língua. Cabe ao professor explorar as habilidades de cada aluno e faixa etária.

Na assertiva do gráfico 3 (item 2) identificamos que a maioria dos entrevistados discordam que adultos podem, de alguma forma, se assemelhar ao ensino de adolescentes e crianças. Verificamos também que bem perto desse grupo de pessoas estão aqueles que concordam com a afirmação. Brown (2011) afirma que o ensino de adultos pode até se assemelhar a esses grupos mencionados, mas adultos necessitarão de uma atenção especial. Sendo assim, podemos até usar atividades que muitas vezes usamos em turmas de adolescentes ou crianças, mas precisamos fazer as devidas adaptações. Passel (1983) também chama a atenção ao ensino de adultos que precisa levar em conta a vida profissional e familiar que eles levam, pois adultos ao chegarem a aula, já passaram um dia inteiro resolvendo suas questões pessoais e precisam ter um momento de relaxamento, mesmo estudando.

Levando em consideração o que Passel (1983) relatou acima identificamos os seguintes relatos

(...) na minha opinião o que interfere são os motivos que levam o aluno a querer aprender inglês, seu relacionamento com a língua, tempo dedicado ao estudo e objetivos. Creio que a idade pode ser um dos fatores que interferem na aprendizagem, porém não é o fator mais importante ou de mais peso.

(...) os adultos podem aprender língua estrangeira tanto quanto uma criança. Diria até que os adultos terão mais disciplina do que as crianças e adolescentes.

Na assertiva do gráfico 4 (item 3), o número de participantes que concordam e os que nem concordam e nem discordam ficou com a quantidade igual. Bem perto do número de pessoas que assinalaram essa opção, ficaram aqueles que discordam completamente. Podemos perceber que concordar ou discordar dessa afirmação é uma tarefa um tanto árdua. Ela também é para autores que discorreram sobre o assunto. Pesquisadores como Cook (2001), Auerbach (1993), Atkinson (1987) sugerem que a LM deve ser utilizada para facilitar a aprendizagem da LI. Brown (2011) relata que a LM do aluno não pode ser ignorada pelo aprendiz e pode, de alguma forma ajudar no processo de aprendizagem.

Sobre a LM os participantes relataram que:

É muito mais difícil para um adulto deixar de utilizar a língua materna quando matriculado em um curso de idiomas.

(...) através da total aprendizagem de sua língua materna o adulto já passou da fase de aquisição. No entanto, é possível a aprendizagem, desde que esta seja incentivada e com as metodologias corretas.

(...) o adulto tende a assimilar tudo da língua materna com a língua estrangeira, o que não é possível de se fazer pois ambas têm culturas e modos de falar diferentes.

Na assertiva do gráfico 5 (item 4), 57,58% dos participantes concordaram que qualquer pessoa pode desenvolver proficiências em línguas estrangeiras, porém umas com mais facilidade e perfeição que outras. Outros 30,30% dos participantes concordaram completamente com a afirmação e apenas 3,03% discordou ou discordou completamente. Motter (2007) é a autora dessa afirmação e acrescenta

que alguns aprendizes terão um pouco mais de facilidade e perfeição na aprendizagem do idioma enquanto outras terão que dedicar um tempo maior de estudos e poderão apresentar alguns desvios, principalmente na pronúncia, como seria o caso dos adultos.

Um participante relatou a respeito dessa afirmação:

Acredito que a idade não interfere muito na aprendizagem, o grande problema é a abertura do adulto em realmente aprender. Uma vez que eles não são receptivos aos métodos de ensino e a idade mais jovem de alguns professores.

Na assertiva do gráfico 6 (item 5) 60,61% dos participantes concordam que os adultos podem apresentar uma maior dificuldade em pronunciar certas palavras do idioma estudado. Motter (2007), enfatiza que os adultos terão uma maior dificuldade em pronunciar determinados sons, principalmente aqueles que não fazem parte ou se assemelham dos fonemas de sua língua materna.

Essa problemática ficou bem visível nas respostas dos participantes:

(...) os órgãos que envolvem a fala já estão completamente formado em adultos dificultando assim novas aprendizagens, por exemplo, no que diz respeito à fonética e fonologia das palavras.

Se for analisado pelo fator pronúncia, ser adulto interfere no aprendizado. Porém, no quesito de aprendizado da escrita, considero que os adultos aprendem melhor.

(...) passada a idade crítica de aquisição da língua o falante terá mais dificuldade em pronunciar certos sons que não são da sua língua nativa, como o th, por exemplo. Mas embora seja um pouco mais complicado, não significa que seja impossível, e o adulto pode vir a se tornar fluente na língua estrangeira.

A idade adulta pode de alguma forma limitar a habilidade de pronúncia, mas não impede que a pessoa seja inteligível e proficiente.

(...) por fatores como flexibilidade de pronúncia, vergonha de pronunciar de um dado som, bem como pouco tempo de contato com a língua.

(...) O aparelho fonador já está maduro, o que dificulta a produção de novos fonemas!

Na assertiva do gráfico 7 (item 6), verificamos que 39,39% dos participantes concordam que a falta de tempo atrapalha na aprendizagem do adulto. Bem próximo a esse grupo de participantes, verificamos que 33,33% concordam completamente

com a afirmação. Essa questão também foi levantada por Passel (1983) que relata que os adultos dispõem de um tempo menor para se dedicar aos estudos visto que muitos deles chegam às aulas cansados depois de uma jornada exaustiva de trabalho, prejudicando assim a concentração deles. Shin (2014) acrescenta que crianças levarão uma vantagem considerável em relação ao tempo de exposição da língua.

Porém, o que os autores e pesquisadores não descartam é a hipótese de que adultos, mesmo com dificuldades e limitações, podem alcançar proficiência na língua assim como crianças ou adolescentes.

Na pesquisa identificamos as seguintes respostas:

(...) a vida corrida que adultos geralmente têm, que acaba ocasionando cansaço mental, físico e falta de tempo para se dedicar com excelência aos estudos de outra língua!

Para mim não é a idade adulta que interfere na aprendizagem do inglês, mas sim, a falta de tempo que muitos adultos têm.

(...) você não tem somente uma coisa para se fazer, deve conciliar tudo o que faz para não dar nada errado!

O pior problema para os adultos é a falta de tempo que gera a assimilação incompleta. Como inglês não é prioridade nessa idade os adultos acabam largando o inglês com mais frequência que as crianças .

(...) tudo depende do estilo de vida que a pessoa leva. Um aluno adulto que seja dedicado e que organize bem o seu tempo terá um bom rendimento.

Por mais que o interesse parta de vontade própria muitos não possuem o foco ou tempo necessários.

Na assertiva do gráfico 8 (item 7), verificamos que 57,58% dos participantes concordam que quanto mais cedo se começar a estudar uma língua, melhor. Porém, analisando os dados, observamos que nenhum participante discorda ou discorda completamente da afirmação. Quando lemos essa afirmação, somos tendenciosos a concordar que, realmente, quanto mais cedo iniciarmos os estudos de uma língua, melhores resultados obteremos. Semelhantemente, Motter (2007) ressalva que quanto mais tarde uma pessoa for exposta a um segundo idioma, mais difícil será esse processo, principalmente se levarmos em conta a pronúncia. Autores como

Fronkim, Rodman e Hyam (1993) concluem que quanto mais jovem, mais fácil será para aprender uma língua.

Podemos observar os mesmos pensamentos na seguinte resposta:

(...) quanto mais velho se é mais complicado se fica para aprender uma nova língua. Não falando que é impossível de aprender, mas a mente está a tanto tempo acostumada a fazer as mesmas coisas que adicionar um hábito novo, uma língua nova, se torna algo difícil de se fazer.

Na assertiva do gráfico 9 (item 8), verificamos que 54,55% dos participantes concordam completamente e 42,42% concordam que a motivação auxilia na aprendizagem dos alunos. Em contrapartida, apenas 3,03% discordam da afirmação. É interessante ressaltar que a motivação pode ser entendida como o combustível da aprendizagem. Dörnyei (2014) refere-se a motivação sendo uma palavra usada para se referir ao sucesso ou o fracasso da aprendizagem.

Foi possível observar que os participantes da pesquisa também compreendem a importância de se motivar os seus alunos. Harmer (2007) acrescenta que a motivação pode ser entendida como um mecanismo que empurra alguém para alcançar alguma coisa. Interpretando esse pensamento, seríamos nós, os professores, aqueles que procuram enxergar as dificuldades dos aprendizes e somos esse mecanismo que Harmer descreve que está “empurrado” nossos alunos com a motivação correta em direção ao sucesso da aprendizagem.

Foi possível identificar esse pensamento nas respostas dos participantes:

(...) o professor de língua estrangeira, neste caso o de língua inglesa, deve procurar meios de minimizar ou até mesmo sanar problemas de aprendizagem que permeiam sua sala de aula. Mas, para que isso ocorra de forma efetiva, há que se ter muita dedicação não só para com a profissão mas também para com o aprendizado dos alunos. Tal dedicação se faz por meio de sessões de capacitação, oficinas, minicursos, pesquisas de ação e participação em eventos voltados para o ensino de língua inglesa como língua estrangeira. No que se refere à dedicação para com o aprendizado dos educandos, se faz mister conhecer melhor cada um dos educandos que fazem parte do corpo discente bem como saber acerca de suas aspirações para com a língua inglesa. Dessa maneira, teremos mais êxito não só como profissionais de LE mas também como pessoas humanas que se importam com o crescimento de nossos adultos aprendizes.

(...) adultos motivados tendem a aprender o idioma estrangeiro com menos dificuldades, a despeito de problemas pessoais, falta de tempo, excesso de trabalho entre outros fatores. Dessa forma, o elemento preponderante no aprendizado de língua estrangeira para adultos jaz em outros aspectos que não somente a idade, mas sim na relevância pessoal que tem o idioma, motivação, disposição, métodos de ensino etc.

Na assertiva do gráfico 10 (item 9), verificamos que apenas 3,03% dos participantes concordam completamente que os melhores alunos são as crianças e, por outro lado, 42,42% discordam com a afirmação. Passel (1983 p. 29), usou uma expressão interessante para definir a mente da criança. Segundo ele, a mente da criança é como uma “tábua rasa”. Seria então essa a razão de acharmos que as crianças são os melhores aprendizes? Em outras palavras, as crianças seriam aqueles que não questionam os métodos ou as atividades propostas em sala de aula. Adultos, por outro lado, possuem objetivos claros ao iniciarem um curso de idiomas e podem, de certa forma, se dedicar mais ao processo de aprendizagem. Não houve nenhuma resposta que correspondesse a essa assertiva.

6. CONCLUSÃO

Retomando as ideias do capítulo introdutório, esta monografia buscou responder as seguintes perguntas: o fator idade interfere ou não na aprendizagem do inglês como LE? Alunos adultos ficam em desvantagem no processo de aprendizagem se comparados a outras idades?

De acordo com o estudo realizado, observou-se através da revisão da literatura que muitos autores concordam que o fator idade interfere na aprendizagem do inglês como LE por alguns motivos assim como o tempo de exposição da língua estudada, o tempo que a pessoa dispõe para se dedicar aos estudos e que fatores como pronúncia podem ser alterados com o passar do tempo. Muitos autores também relatam que os adultos apresentam algumas desvantagem em relação a outras idades, e isso requererá um pouco mais de dedicação do adulto para alcançar o grau de proficiência desejado. É importante mencionar também, que o

sucesso ou não do aprendiz precisa ser analisado individualmente assim também o aluno deve ser visto em sua individualidade.

Os pontos da fundamentação teórica foram observados nas respostas da pesquisa, mas nem todas as respostas da pergunta argumentativa estava presente na teoria. Pois, foi possível observar que muitos participantes responderam a pergunta baseada em suas experiências enquanto professores de LI.

Através dos instrumentos de coleta de dados – questionário e pergunta dissertativa – os objetivos da pesquisa foram alcançados. A resposta para a primeira pergunta do objetivo da pesquisa foi feita no final da pesquisa a fim de verificar se o pensamento dos participantes era similar ou não com a teoria apresentada. A maioria dos participantes concordou que o fator idade pode, de certa forma, pode interferir na aprendizagem do adulto. Eles também concordam que existem fatores que se tornam limitantes no sucesso dessa aprendizagem. Ficou bem claro, entre a maioria dos participantes, que o tempo é uma desvantagem marcante se comparada a outras fases da vida do aprendiz.

A resposta para a segunda pergunta dos objetivos da pesquisa foi respondida através das perguntas do questionário e complementada pela pergunta dissertativa. Isso nos leva a concluir que a hipótese levantada nesse estudo que, os alunos adultos, em algum momento seriam prejudicados em sua escolha tardia em aprender uma LE, confirma o segundo objetivo da pesquisa que os alunos adultos ficam em desvantagem se comparados a outras idades.

A fundamentação teórica apresentada no segundo capítulo, abordou as crianças, adolescentes e adultos enquanto sujeitos envolvidos na aprendizagem foi importante para entendermos quais as características de cada uma dessas fases. Foi abordado também, mais profundamente, as desvantagens dos adultos na aprendizagem do inglês como LE. Essas desvantagens foram importantes para a análise dos dados obtidos com a pesquisa. Esses dados nos mostraram que todas essas hipóteses foram mencionadas pelos participantes. Estas são: a pronuncia,

LM, tempo, motivação e afetividade. Com esses resultados obtidos, a triangulação e a interpretação dos dados foram analisados cuidadosamente no capítulo cinco.

Esta pesquisa nos levou a refletir sobre nosso papel enquanto professores de LE e como enxergamos os nossos alunos em sala de aula. Essa pesquisa nos fez entender que crianças, adolescentes e adultos estão em fases distintas de desenvolvimento e merecem ser vistos em sua individualidade. Tivemos a oportunidade de poder enxergar um pouco mais quem são os nossos alunos adultos e porque, muitas vezes, eles não alcançam um grau de proficiência que esperamos. Pudemos refletir quem é esse aluno que chega as aulas cansado, não consegue pronunciar certas palavras e precisa fazer listas enormes de vocabulários que talvez nunca serão memorizados.

Esperamos que este estudo seja de grande relevância e contribuição para futuras pesquisas relacionadas aos questionamentos de que se pode afirmar se o fator idade interfere ou não na aprendizagem do inglês como LE. Ademais, podemos dizer que instigou-se a curiosidade em continuar essa pesquisa investigando o outro lado envolvido nesse estudo, ou seja, o educando, pois fatores como o tempo disponível para investigação não foi um tanto limitado.

REFERÊNCIAS

BEE, Hellen. **O ciclo Vital**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997.

BROWN, H. Douglas. **Teaching by Principles – An Interactive Approach to Language Pedagogy**. San Francisco State University, 2001.

BROWN, Steven, ATTARDO, Salvatore. **Understanding Language Structure, Interaction and Variation**. The University of Michigan, 2003.

CAMERON, Linne. **Teaching Languages to Young Learners**. Cambridge University Press, 2001.

ELLIS, Rod. **Principles of Instructed Second Language Learning**. In CELCE-MURCIA, Mariane, BRINTON, Donna M., SNOW, Marguerite A. **Teaching English as a Second Language**. National Geographic Learning, 2014. P. 31-45.

EYRING, Janet L. **Adult learners in English as a Second / Foreign Language Settings**. In CELCE-MURCIA, Mariane, BRINTON, Donna M., SNOW, Marguerite A. **Teaching English as a Second Language**. National Geographic Learning, 2014. P. 568 - 583.

FERNANDES, Karina Aires. **A aprendizagem de línguas estrangeiras na idade adulta: fatores envolventes**. Curitiba, 10 de novembro de 2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4730_3106.pdf. Acesso em: 2 de Junho de 2017.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas**. Goiânia, 1997.

FROMKIN, Victoria, e RODMAN, Robert. **An Introduction to Language**. Harcourt Brace College Publishers, 1993.

HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. Pearson Education Limited, 2007.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. University of South California, 1982.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. EFSC. 1998.

LENNEBERG, Eric H. **On Explaining Language**. Science, New Series, p. 635 – 643. Disponível em:

http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/lenneberg_1969_on_explaining_language.pdf.

Acesso em: 27 de Maio de 2017.

LOPES, Amália de Melo, CELANI, Maria Antonieta Alba. **Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens**. São Paulo. Educ, 1997.

MOTTER, Rose M. B. **Reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras na infância**. Educere e Educare, Revista de Educação, vol 2, n 3, pg 79-87, 2007.

Disponível em:

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeducare/article/view/656/548>. Acesso em: 2

de junho de 2017.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de. **Percepções de adultos sobre aprender a Língua Inglesa**. Revista Poiésis Pedagógicas, p- 147 – 166, 2008. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/viewFile/10843/7202>. Acesso em: 16 de Maio

de 2017.

PASSEL, Frans Van. **Ensino de línguas para adultos**. São Paulo: Editora Pioneira, 1983.

PURPURA, James E. **Language Learner Strategies and Styles**. In CELCE-MURCIA, Mariane, BRINTON, Donna M., SNOW, Marguerite A. **Teaching English as a Second Language**. National Geographic Learning. P. 532 - 549.

RESQUE, Jorge Haber. **A língua materna (I1) como fator de influência na aprendizagem da segunda língua (I2) – inglês**. Dissertação de mestrado. Unama. 2010.

RICHARDS, Jack C., RODGERS S. Theodore. **Approaches and Methods in Language Teaching**. Cambridge University Press, 2010.

RIGO, Rosangela. **O fator idade e o aprendizado de língua inglesa: a melhor idade para aprender é a infância?** Publicado em 17 de janeiro de 2008. Disponível em:

https://www.google.com.br/gws_rd=cr,ssl&ei=mi5DWdqzDojBwASH7LSwBw#q=www.webartigos.com/artigos/o-fator-idade-e-o-aprendizado-de-lingua-inglesa-a-melhor-idade-para-aprender-e-a-infancia/3658/+. Acesso em 2 de junho de 2017.

RODRIGUES, Renata Miranda. **A língua materna no ensino e aprendizagem de língua inglesa: suas crenças e uso**. Fortaleza. Entrepalavras, p. 84-100, 2012. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/74>. Acesso em: 02 de Junho de 2017.

SHIN, Joan Kang. **Teaching Young Learners in English as a Second / Foreign Language Settings**. In CELCE-MURCIA, Mariane, BRINTON, Donna M., SNOW, Marguerite A. **Teaching English as a Second Language**. National Geographic Learning, 2014. P. 550 - 567.

SILVA, Márcia Gonçalves. **Crenças de formandos do curso de letras português – sobre a aprendizagem de língua inglesa**. Monografia de especialização. Universidade Católica de Brasília, 2015.

SPADA, Nina. **Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira: uma entrevista com Nina Spada**. Revista Virtual de Estudos de Linguagem – ReVel Vol

2, n 2, 2004. Tradução de Gabriel Ávila Othero. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 15 de Maio de 2017.

SOBROZA, Lidiane Schlotefeldt. **Aquisição X aprendizagem da língua estrangeira**. Rio grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos08/Lidiane.pdf>. Acesso em: 25 de Abril de 2017.

UR, Penny. **A course in Language Teaching- Practice and Theory**. Cambridge University Press, 2005.

YULE, George. **The study of Language**. Cambridge University Press, 1996.

DÖRNYEI, Zoltán. **Motivation in Second Language Learning**. In CELCE-MURCIA, Mariane, BRINTON, Donna M., SNOW, Marguerite A. **Teaching English as a Second Language**. National Geographic Learning. P. 518 – 531.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO FECHADO RETIRADO DO SITE DO SURVIO

Pesquisa de Opinião acerca do Aprendizado de Língua Inglesa

Prezado (a),

No formulário abaixo, há 3 (três) perguntas de cunho pessoal-profissional.

As demais são assertivas em que as respostas variam em grau de concordância de 1 a 5 em relação ao aprendizado da Língua Inglesa.

Muito obrigada pela sua participação. Atenciosamente, Jaciara Assis

Idade

20 - 30

31 - 40

41 - 50

51 ou mais

Sexo

Masculino

Feminino

Outro

Tempo de experiência no ensino de Língua Inglesa

0 a 3 anos

4 a 7 anos

8 a 11 anos

12 anos ou mais

Há uma idade ideal para se aprender inglês como língua estrangeira.

1 Discordo Completamente

2 Discordo

3 Nem discordo, nem concordo

4 Concordo

5 Concordo Completamente

Ensinar adultos pode, de alguma forma, se assemelhar ao ensino de adolescentes ou crianças.

- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

A língua materna facilita a aprendizagem da língua inglesa para adultos.

- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

Adultos podem apresentar uma dificuldade maior em adquirir uma pronúncia que se aproxime de um falante nativo.

- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

A falta de tempo atrapalha na aprendizagem do adulto.

- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

Quanto mais cedo se começar a estudar uma língua, melhor.

- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

A motivação correta auxilia na aprendizagem dos alunos.


- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

Os melhores alunos são as crianças.

- 1 Discordo Completamente
- 2 Discordo
- 3 Nem discordo, nem concordo
- 4 Concordo
- 5 Concordo Completamente

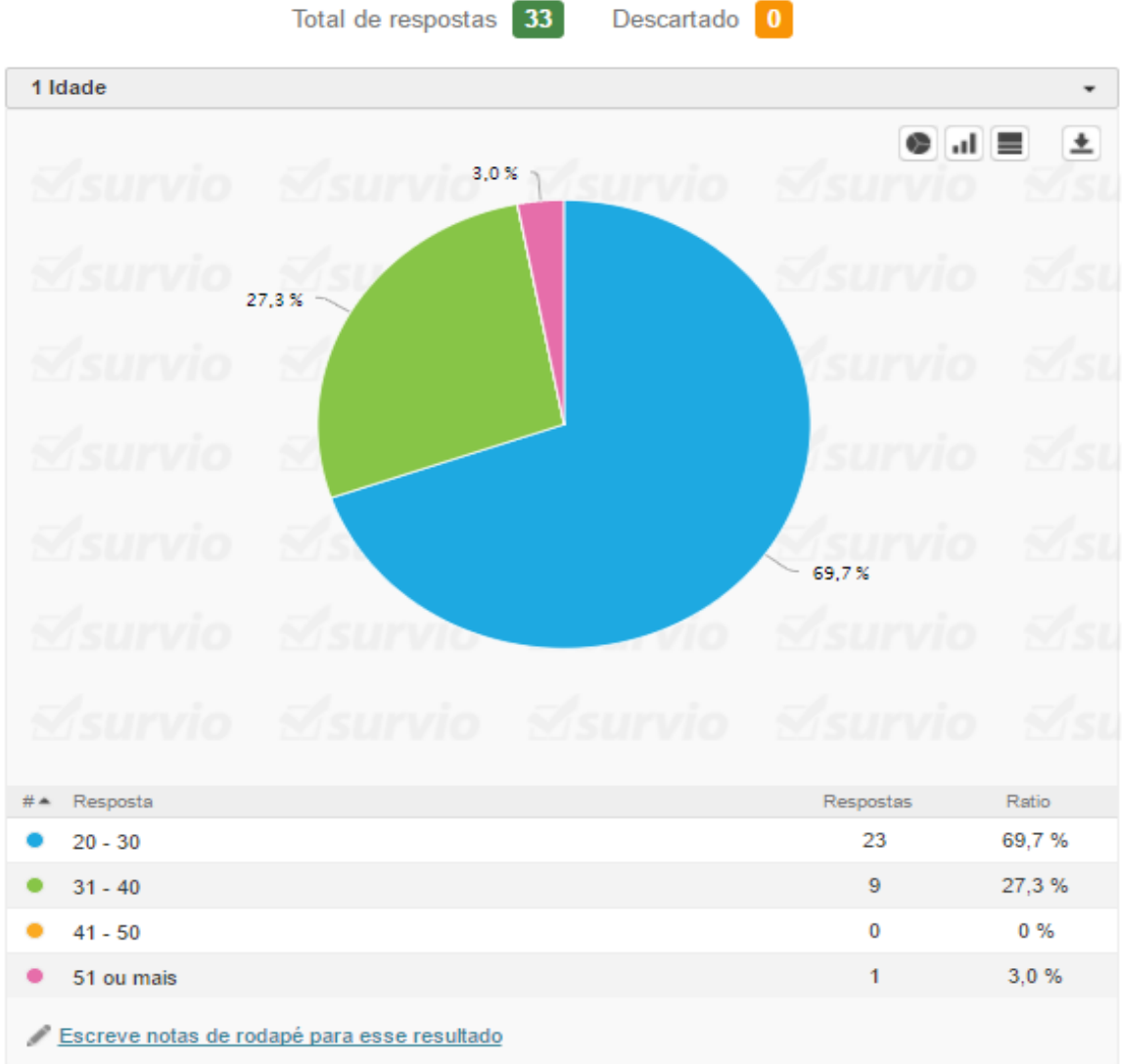
APÊNDICE B – PERGUNTA DISSERTATIVA

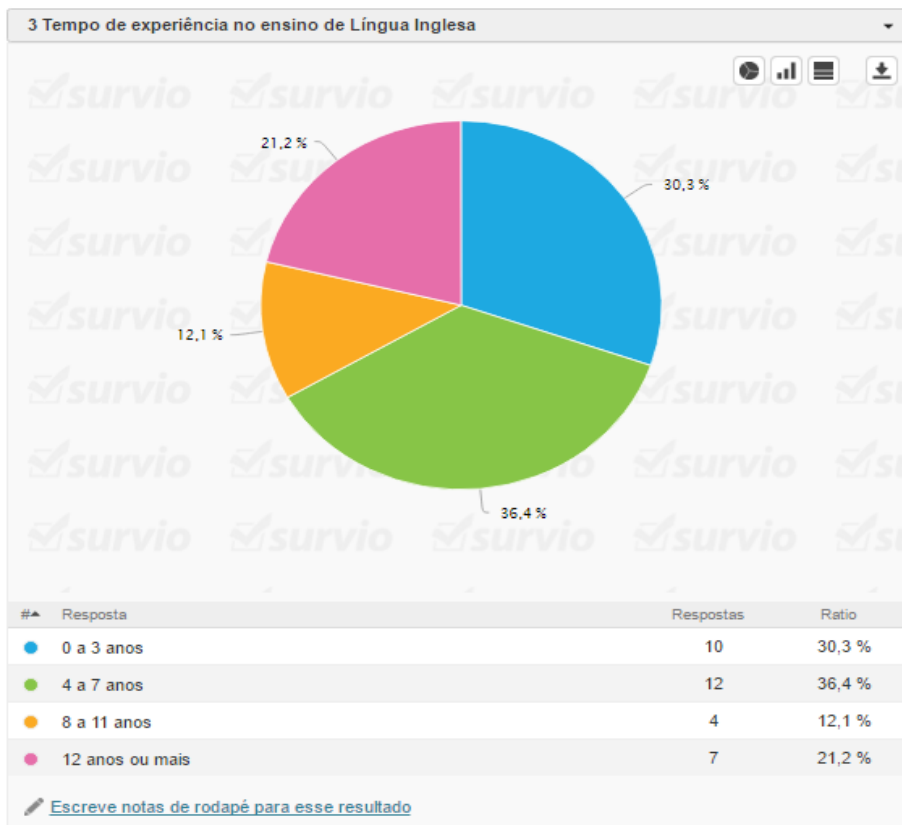
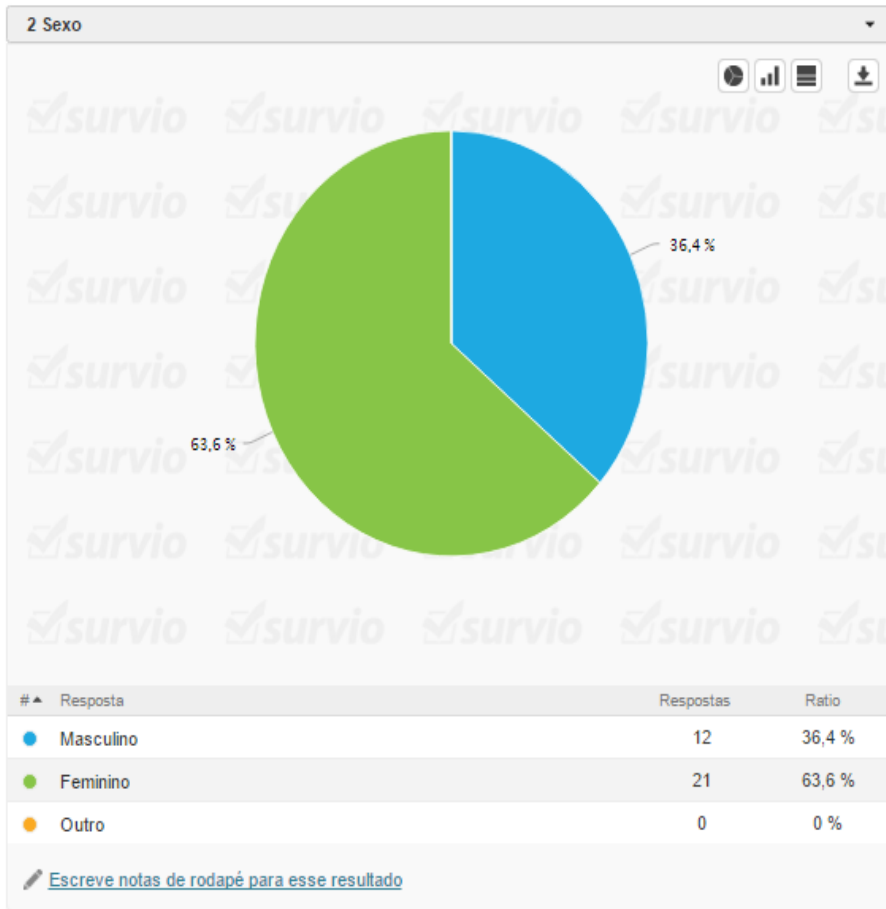
Na sua opinião, a idade adulta interfere na aprendizagem do inglês como língua estrangeira?

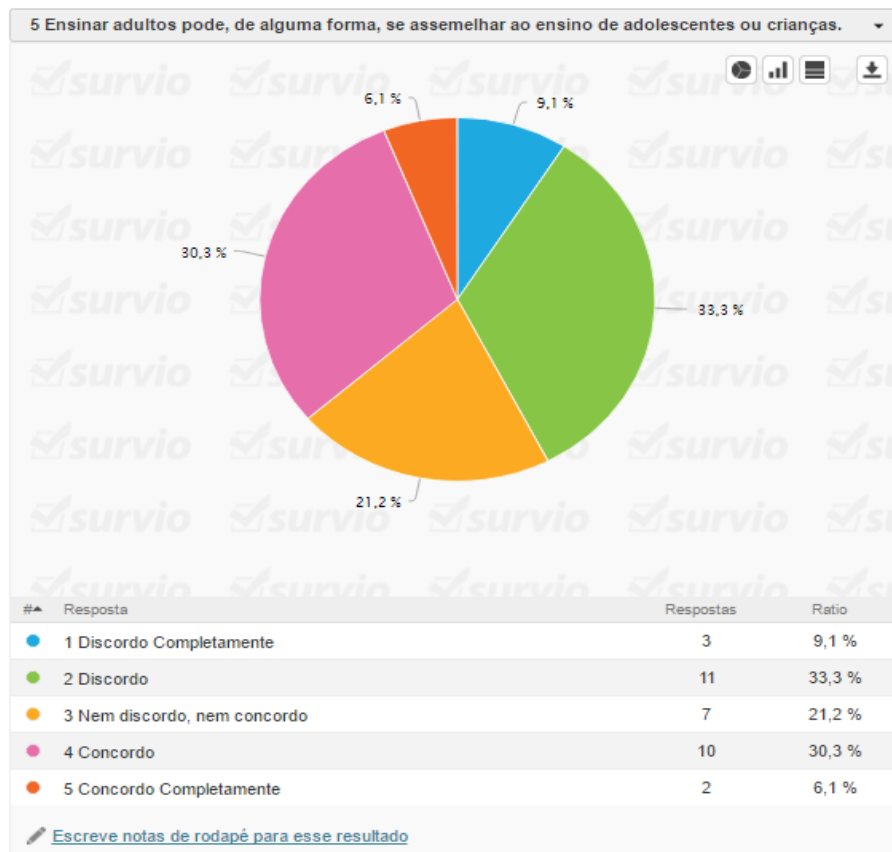
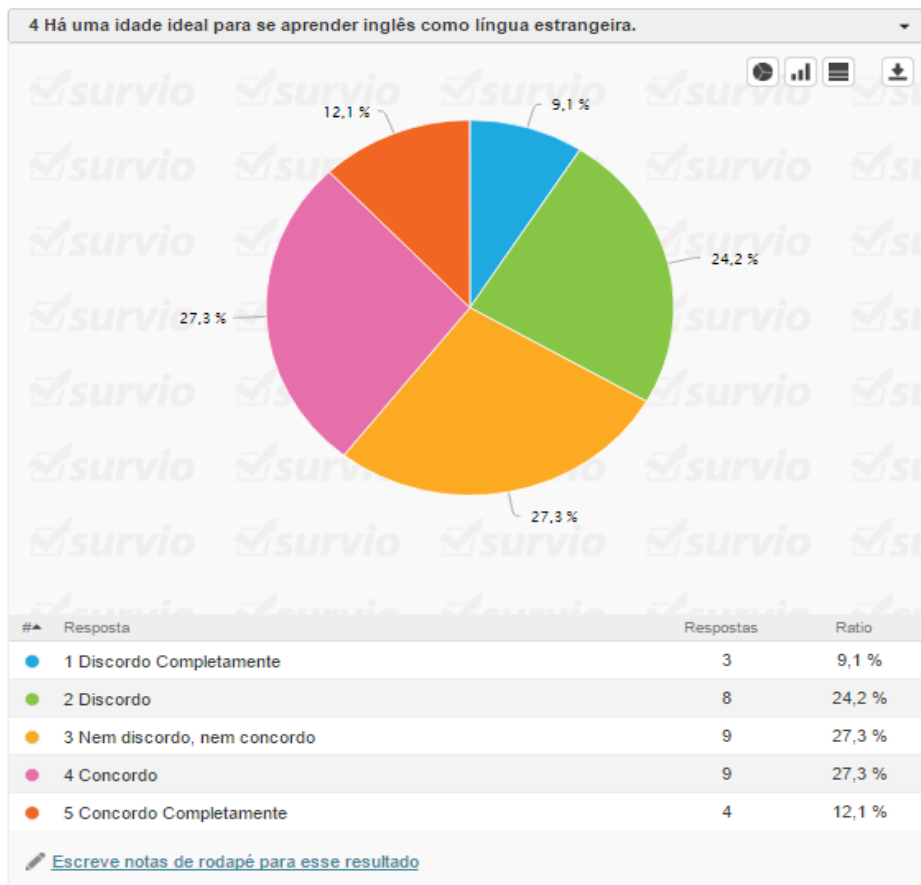
 Escreva um parágrafo

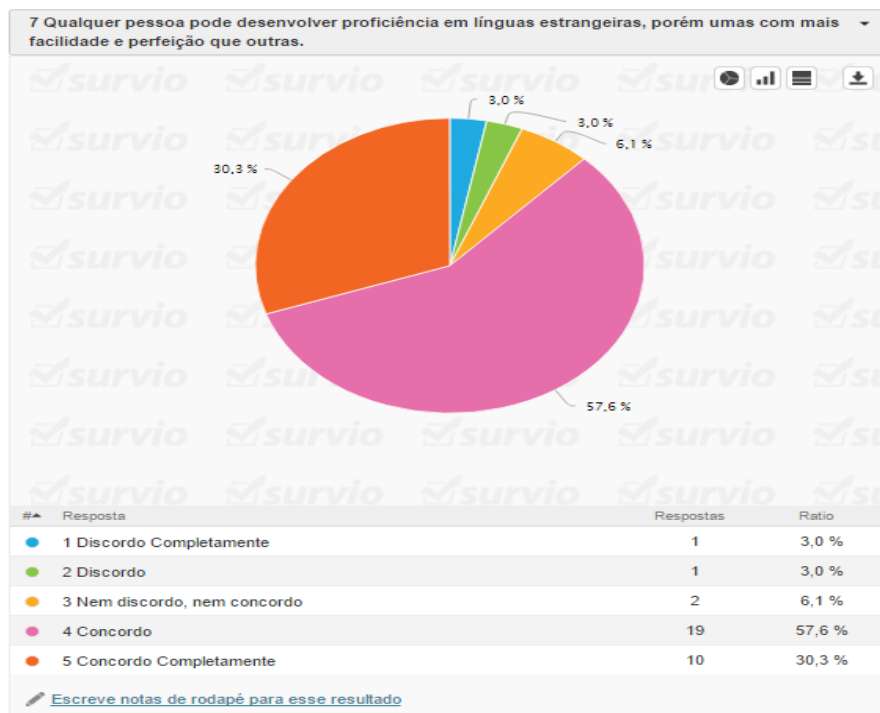
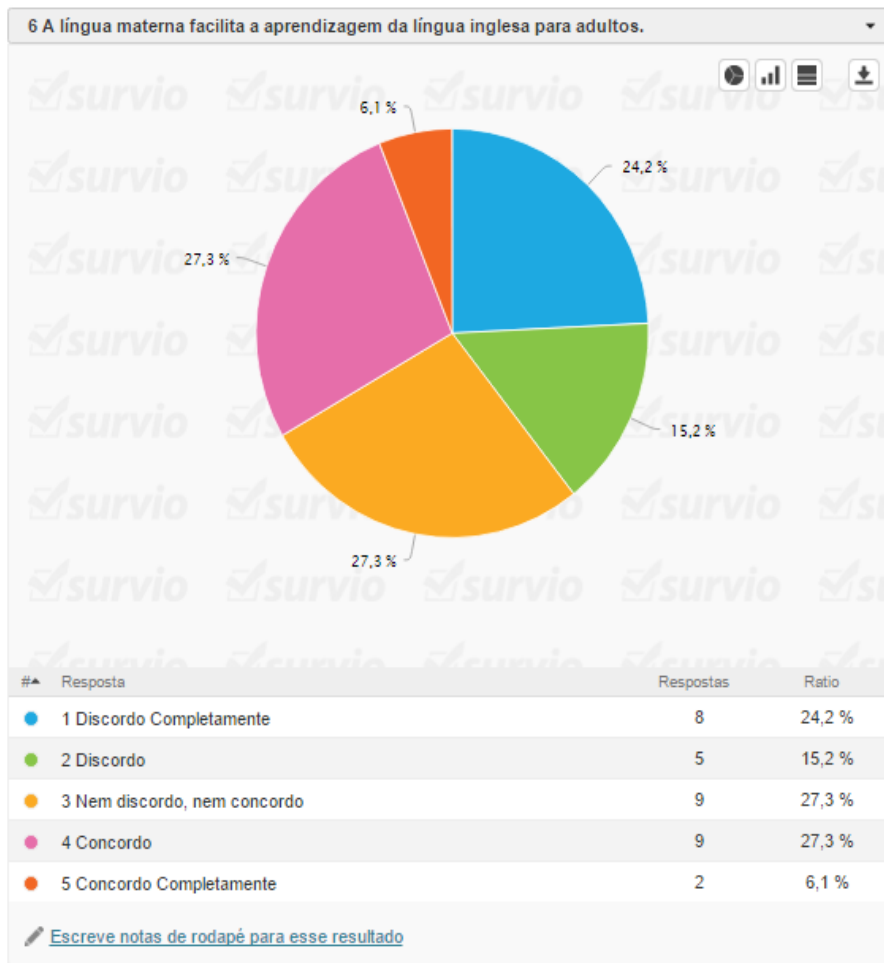
1500 caracteres restantes

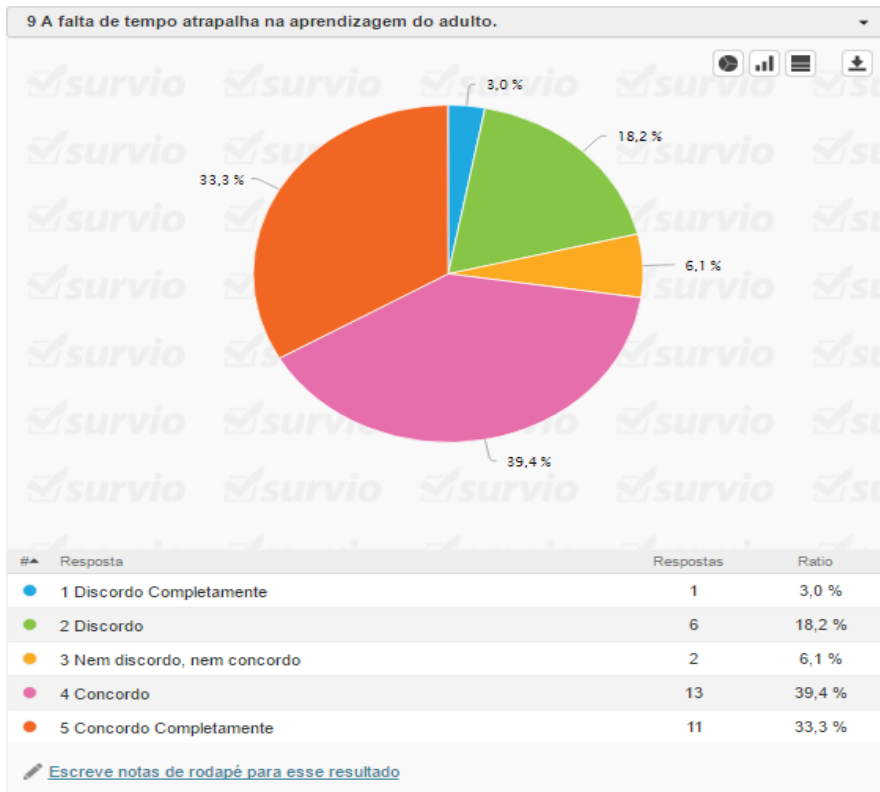
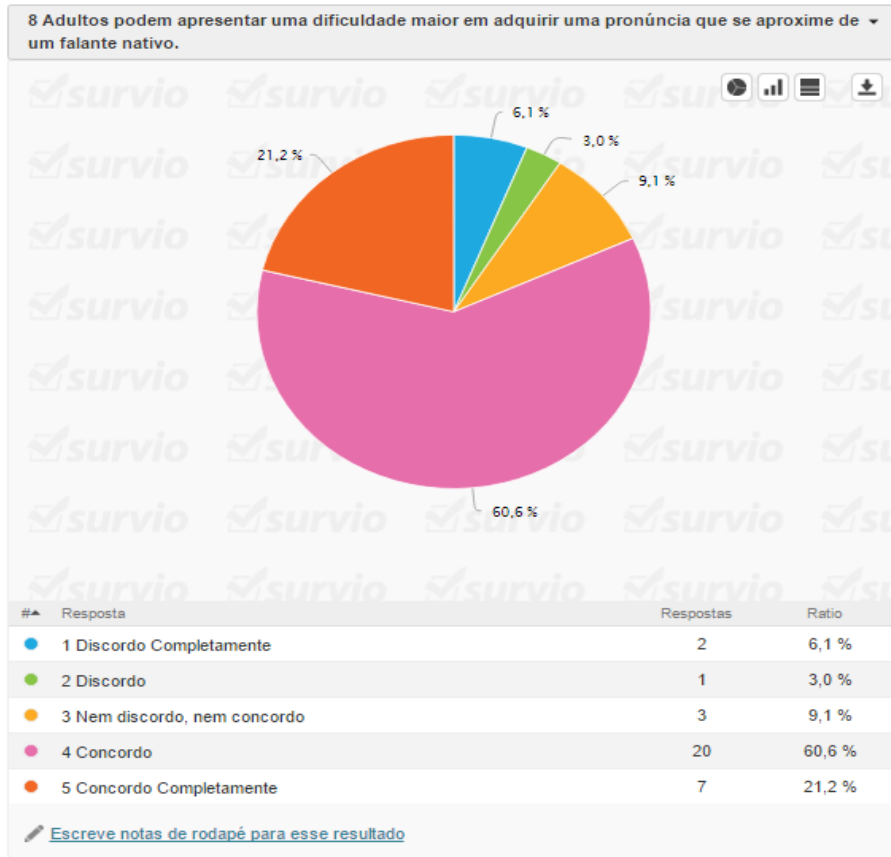
ANEXO A – RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO GERADO PELO SITE SURVIO

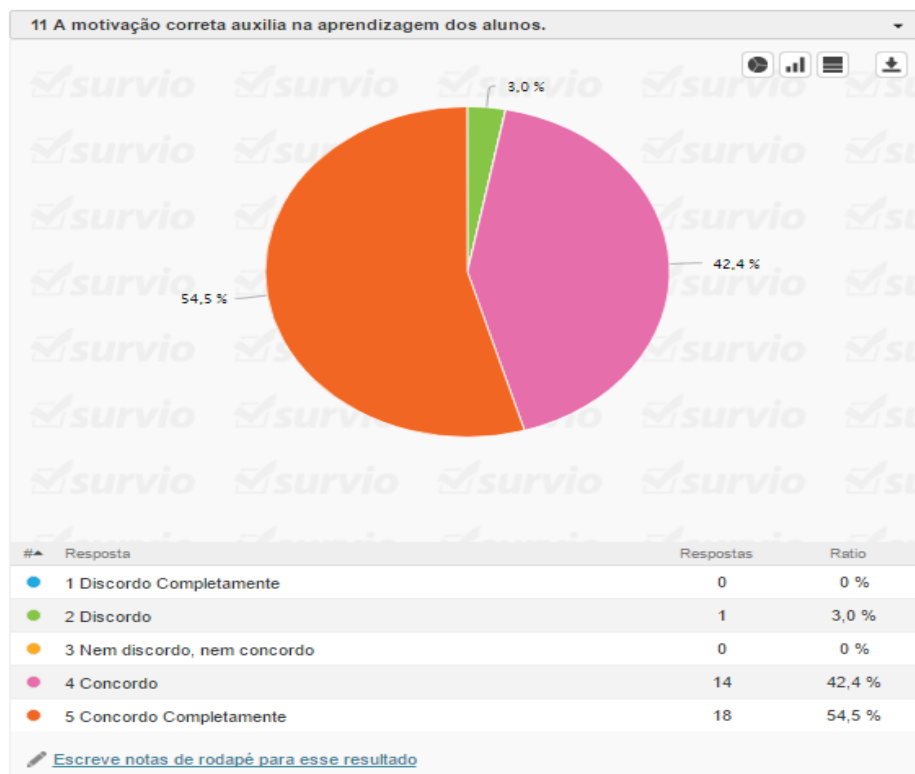
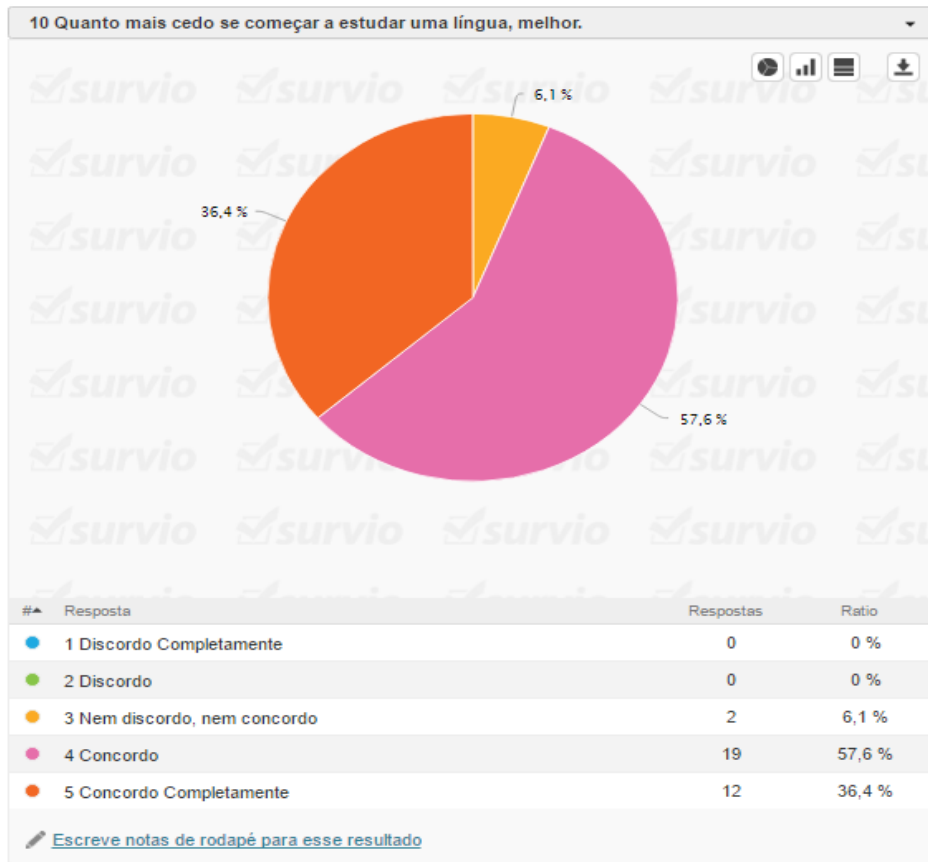


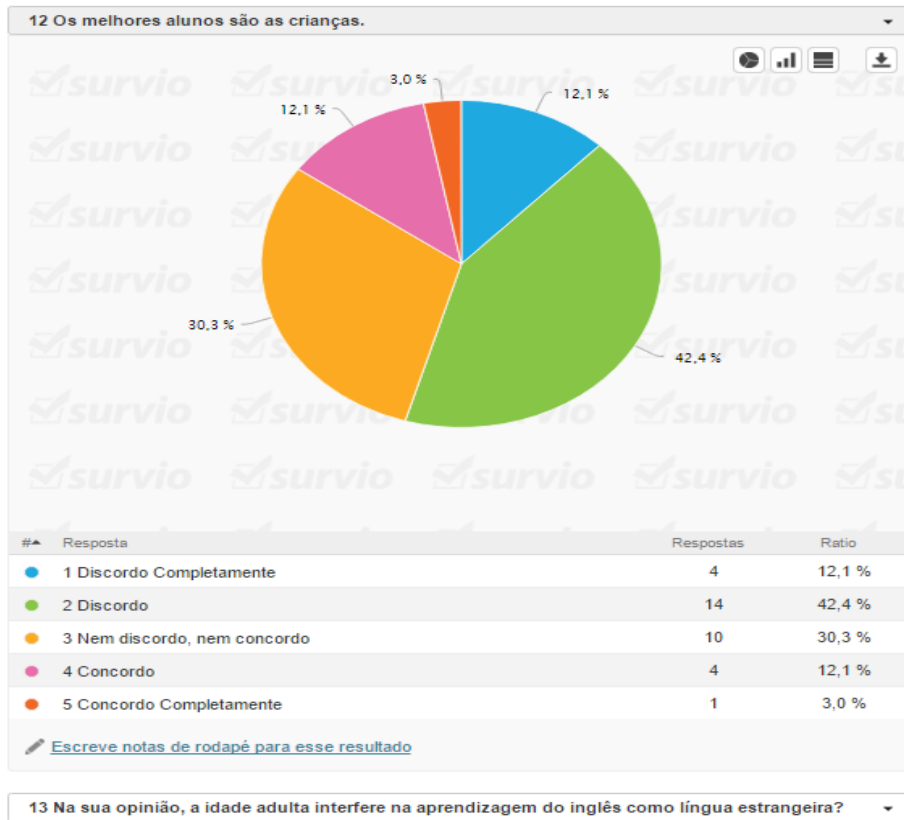












ANEXO B – RESPOSTAS DA PERGUNTA DISSERTATIVA GERADA PELO SITE SURVIO

13 Na sua opinião, a idade adulta interfere na aprendizagem do inglês como língua estrangeira? ▾

<p>Eu diria que não só a idade mas outros fatores aliados à idade podem de certa forma interferir no processo de aprendizagem de língua estrangeira de adultos. Entretanto, o professor de língua estrangeira, neste caso o de língua inglesa, deve procurar meios de minimizar ou até mesmo sanar problemas de aprendizagem que permeiam sua sala de aula. Mas, para que isso ocorra de forma efetiva, há que se ter muita dedicação não só para com a profissão mas também para com o aprendizado dos alunos. Tal dedicação se faz por meio de sessões de capacitação, oficinas, minicursos, pesquisas de ação e participação em eventos voltados para o ensino de língua inglesa como língua estrangeira. No que se refere à dedicação para com o aprendizado dos educandos, se faz mister conhecer melhor cada um dos educandos que fazem parte do corpo discente bem como saber acerca de suas aspirações para com a língua inglesa. Dessa maneira, teremos mais êxito não só como profissionais de LE mas também como pessoas humanas que se importam com o crescimento de nossos adultos aprendizes.</p>	<p>Com certeza. É muito mais difícil para um adulto deixar de utilizar a língua materna quando matriculado em um curso de idiomas.</p>	<p>Sim.</p>	<p>Não interfere. Pois os adultos podem aprender língua estrangeira tanto quanto uma criança. Diria até que os adultos terão mais disciplina do que as crianças e adolescentes.</p>
<p>Sim, pois passada a idade crítica de aquisição da língua o falante terá mais dificuldade em pronunciar certos sons que não são da sua língua nativa, como o th, por exemplo. Mas embora seja um pouco mais complicado, não significa que seja impossível, e o adulto pode vir a se tornar fluente na língua estrangeira.</p>	<p>De certo modo sim, pois através da total aprendizagem de sua língua materna o adulto já passou da fase de aquisição. No entanto, é possível a aprendizagem, desde que esta seja incentivada e com as metodologias corretas.</p>	<p>A idade interfere na aprendizagem mas não é o fator mais importante. É possível aprender em qualquer idade.</p>	<p>Sim. Acredito que a aquisição da língua na idade adulta se torna um pouco mais difícil.</p>
<p>De certo modo sim, pois através da total aprendizagem de sua língua materna o adulto já passou da fase de aquisição. No entanto, é possível a aprendizagem, desde que esta seja incentivada e com as metodologias corretas.</p>	<p>Sim, pois passada a idade crítica de aquisição da língua o falante terá mais dificuldade em pronunciar certos sons que não são da sua língua nativa, como o th, por exemplo. Mas embora seja um pouco mais complicado, não significa que seja impossível, e o adulto pode vir a se tornar fluente na língua estrangeira.</p>	<p>Não, acho que nunca é tarde para se aprender uma língua. Muitos adultos têm maiores habilidades na aquisição de uma língua.</p>	<p>Eu vejo que pode existir mais dificuldades para um adulto aprender uma língua estrangeira se comparado a uma pessoa mais jovem.</p>
<p>Acredito que qualquer pessoa em qualquer idade pode aprender qualquer língua estrangeira. Porém há fatores como, falta de tempo, que podem tornar o ensino e aprendizado mais desafiador.</p>	<p>De certo modo sim, pois através da total aprendizagem de sua língua materna o adulto já passou da fase de aquisição. No entanto, é possível a aprendizagem, desde que esta seja incentivada e com as metodologias corretas.</p>	<p>Não, na minha opinião o que interfere são os motivos que levam o aluno a querer aprender inglês, seu relacionamento com a língua, tempo dedicado ao estudo e objetivos. Creio que a idade pode ser um dos fatores que interferem na aprendizagem, porém não é o fator mais importante ou de mais peso.</p>	<p>Depende, se o aluno se dedicar ele consegue aprender! Depende do esforço dele!</p>
<p>Para mim não é a idade adulta que interfere na aprendizagem do inglês, mas sim, a falta de tempo que muitos adultos têm.</p>	<p>De certo modo sim, pois através da total aprendizagem de sua língua materna o adulto já passou da fase de aquisição. No entanto, é possível a aprendizagem, desde que esta seja incentivada e com as metodologias corretas.</p>	<p>Parcialmente, tudo depende do estilo de vida que a pessoa leva. Um aluno adulto que seja dedicado e que organize bem o seu tempo terá um bom rendimento. É fato que as crianças conseguem aprender de forma mais rápida, os músculos na face ainda estão se formando, várias coisas facilitam o aprendizado, mas os alunos geralmente têm mais facilidade com a gramática da língua. Cabe ao professor explorar as habilidades de cada aluno e faixa etária.</p>	<p>Sim, principalmente se o adulto tiver problemas com horários e uma vida muito atarefada além de problemas psicológicos como ansiedade, depressão e muitas cargas emocionais negativas.</p>
			<p>Sim, pois você não tem somente uma coisa para se fazer, deve conciliar tudo o que faz para não dar nada errado!</p>
			<p>O pior problema p os adultos e a falta de tempo q gera a assimilação incompleta. Como inglês não é prioridade nessa idade os adultos acabam largando o inglês c mais frequência q as crianças .</p>

<p>Acredito que a idade não interfere muito na aprendizagem, o grande problema é a abertura do adulto em realmente aprender. Uma vez que eles não são receptivos aos métodos de ensino e a idade mais jovem de alguns professores.</p>	<p>Em partes sim, pois a pessoa adulta tem um bagagem linguísticas mas solida, por isso exista uma certa dificuldade em acrescentar uma outra língua.</p>	<p>Sim, pois, geralmente o aprendizado sofre os efeitos de outros fatores como vergonha da experimentação com a língua, falta de tempo para os estudos, impaciência com relação ao tempo necessário à fixação do conteúdo, entre outros.</p>	<p>Em pouquíssimos casos. O adulto, via de regra, é mais comedido em participar das aulas e em atividades desenvolvidas na escola, o que, às vezes, atrapalha no processo de aprendizagem. Outras vezes, se veem na obrigação de ter que concluir o curso e assim o fazem de qualquer jeito, apenas para "adquirir o diploma". Por outro lado, adultos motivados tendem a aprender o idioma estrangeiro com menos dificuldades, a despeito de problemas pessoais, falta de tempo, excesso de trabalho entre outros fatores. Dessa forma, o elemento preponderante no aprendizado de língua estrangeira para adultos jaz em outros aspectos que não somente a idade, mas sim na relevância pessoal que tem o idioma, motivação, disposição, métodos de ensino etc.</p>
<p>A idade adulta pode de alguma forma limitar a habilidade de pronúncia, mas não impede que a pessoa seja inteligível e proficiente</p>	<p>Sim. Pois os órgãos que envolvem a fala já estão completamente formado em adultos dificultando assim novas aprendizagens, por exemplo, no que diz respeito a fonética e fonologia das palavras .</p>	<p>Sim porque o adulto tende a assimilar tudo da língua materna com a língua estrangeira, o que não é possível de se fazer pois ambas têm culturas e modos de falar diferentes.</p>	
<p>Não.</p>	<p>Sim. Se for analisado pelo fator pronúncia, ser adulto interfere no aprendizado. Porém, mo quesito de aprendizado da escrita, considero que os adultos aprender melhor.</p>	<p>Sim, bastante. Contudo, a maturidade e consciência gramatical podem ser pontos a favor dos adultos.</p>	
<p>Sim, por fatores como flexibilidade de pronúncia, vergonha de pronunciar de um dado som, bem como pouco tempo de contato com a língua.</p>	<p>Não diria a idade especificamente, mas sim a vida corrida q adultos geralmente têm, q acaba ocasionando cansaço mental, físico e falta de tempo para se dedicar com excelência aos estudos de outra língua!</p>	<p>Sim. Por mais que o interesse parta de vontade propia muitos nao possuem o foco ou tempo necessarios.</p>	
<p>O aparelho fonador já está maduro, o que dificulta a produção de novos fonemas! Portanto, acredito que dificulta sim! Outro fator é o método, adultos têm uma tendência maior a tradução!</p>		<p>Provavelmente não utilizaria a palavra interfere, mas o quanto mais velho se é mais complicado se fica para aprender uma nova língua. Não falando que é impossível de aprender, mas a mente está a tanto tempo acostumada a fazer as mesmas coisas que adicionar um hábito novo, uma língua nova, se torna algo difícil de se fazer.</p>	